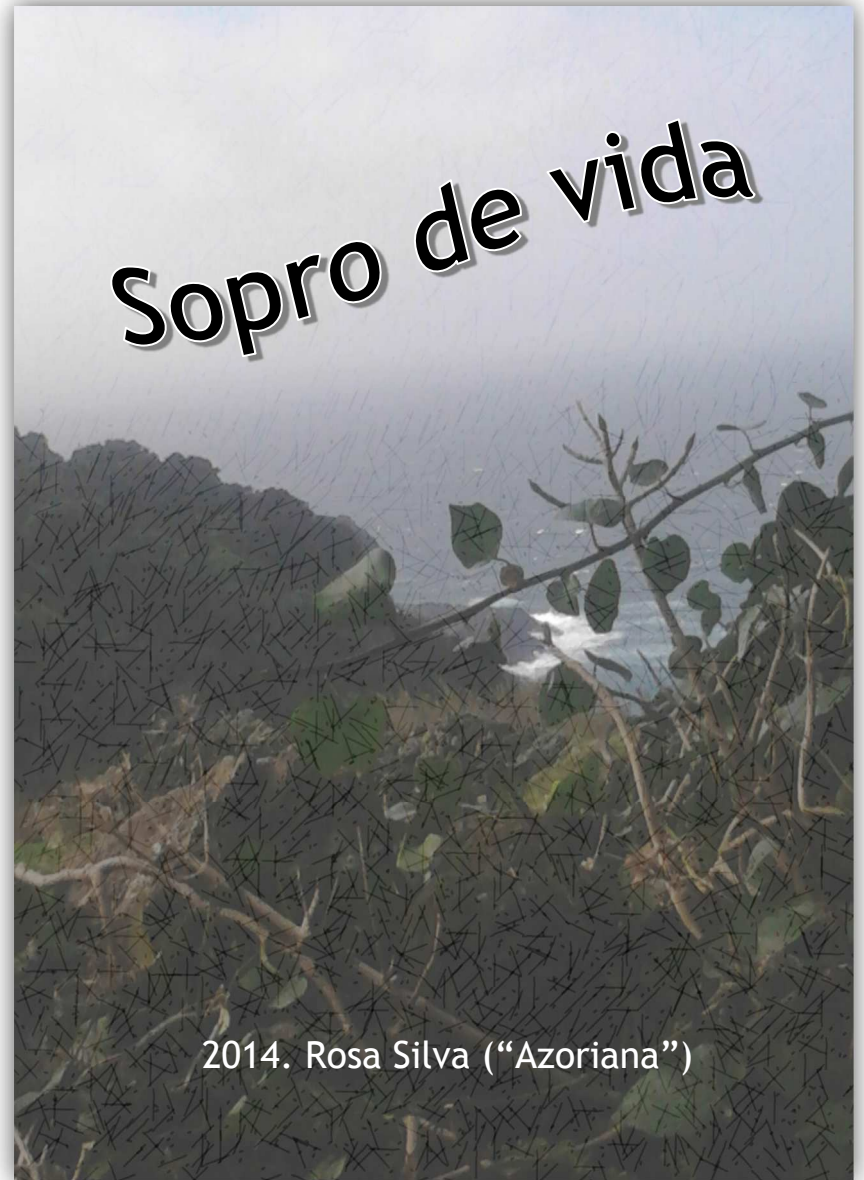


Sopro de vida

2014. Rosa Silva ("Azoriana")



ILHA (CONTINUAÇÃO)

33. Obreiros de alma terceirense	102
34. OLÉ ao “nosso” Toiro!	103
35. Pentecostes na ilha Terceira	105
36. Pescador açoriano.....	106
37. Pezinho em S. Carlos	107
38. Por S. João há bom quinhão!.....	108
39. Quando Ele quer connosco estar	110
40. Que belo!	111
41. Rainha do Carnaval	112
42. S. Carlos em festa.....	113
43. Serra do Cume	114
44. Terceira minha querida!	115
45. Terceira, minha terra!	116
46. Um olhinho de sol	117
47. Vagas da mente.....	118
48. Vamos à toirada?!	119
49. Vila Nova da Terceira.....	120

SENTIRES

1. A dor	123
2. A voz da imaginação	124
3. Algumas cenas da atualidade.....	125
4. Análise pessoal	126
5. As folhas do meu outono	128
6. As nuvens.....	129
7. Boneca de trapos	130
8. Canção do Sol	131
9. Definição de Azoriana.....	132
10. Dez anos conto da tua partida	134
11. Gaivota.....	135
12. Galeria da alma.....	136
13. Lembrança.....	137

Índice

Nota introdutória	1
-------------------------	---

ANIVERSÁRIOS

1. 10º Aniversário - Ailaife Blog	5
2. 10º Aniversário - Azoriana Blogue	6
3. 140º Aniversário - Filarmónica Recreio Serretense.....	7
4. 1º De um janeiro (2014 - 1980 = 34)	8
5. 250 Anos - Amigos da Senhora	9
6. 250ª Festividade - Setembro 2014.....	10
7. 25º Aniversário - AMIGOS DA TERCEIRA	11
8. 6º Aniversário de «Os Confrades da Poesia»	12
9. Aniversário - Alberto Flores	13
10. Aniversário - João Ângelo Vieira	14

DEDICATÓRIAS

1. À "Cantoria na Missa (Improviso)"	19
2. A nossa "Voz dos Açores"	20
3. A saudade de emigrante	21
4. Amigas/os.....	22
5. Ao poeta dos Hinos	23
6. Às "Sextilhas na Califórnia"	24
7. Cada vez... [mais saudade!].....	25
8. Charrua - o Poeta do Desafio.....	26
9. Com todo o meu carinho	27
10. Cristiano Ronaldo	28
11. De Clarisse Barata Sanches.....	29
12. Dedicatória feliz	30
13. De José Fonseca de Sousa e esposa.....	31
14. Dia da mulher.....	32
15. Escrever faz bem e louvar também!.....	33

DEDICATÓRIAS (CONTINUAÇÃO)

16. Está bem visto mas...	34
17. Feliz Natal	35
18. Feliz Páscoa	36
19. Folhadais de Saudade	37
20. Lira do silêncio	38
21. Louvor a CHARRUA	40
22. Maio, Maria, Mãe	41
23. Moldura de Cultura	42
24. Natal feliz	43
25. No verão de S. Martinho...	44
26. Num dia do Pai	45
27. Olhar para Maria	46
28. Para a amiga Clarisse	47
29. Paula Tomás Meneses	48
30. Pela Mãe verdadeira!	49
31. Portugal, Camões e Comunidades Portuguesas	50
32. Presente de Luz	51
33. Rádio Portugal USA	52
34. Santo Cristo dos Milagres	53
35. Senhora da Conceição	54
36. Severinos	55
37. Vida por Vida	56

FAMÍLIA

1. Aida de olhar claro	59
2. Aos meus filhos	60
3. Lindo o teu olhar	61
4. Luís Carlos (Luca)	62
5. Parabéns a ti (e à gente)	63
6. Último sábado de fevereiro	64

ILHA

1. A força da ILHA	67
2. A melodia das águas	68
3. Altar da ilha	69
4. Angra e o seu jardim	70
5. Angra, bela cidade!	71
6. As lindas Senhoras	72
7. As torres	73
8. Bailado açoriano	74
9. Capelinha dos Milagres	75
10. Carnaval da, lilás, ilha	76
11. Casa Mortuária da Serreta	77
12. Cheirinho da ilha Terceira	78
13. Cultura açoriana	79
Idem (e sentir ilhéu)	80
14. De rima ao leme	81
15. Declaração de amor universal	82
16. DES 4º domingo	83
17. Dia dos Açores	84
18. Feitiço de mar	85
19. Ferreirinha das Bicas	86
20. Festejo	88
21. Gaivota em terra...	89
22. Ilha taurina	90
23. Ilha Terceira do improviso	91
24. Letras para S. João	92
25. Meu lar de saudade	94
26. Minha alegria	95
27. Mudam-se os tempos...	96
28. Municípios da ilha Terceira	97
29. Muros de Angra joanina	98
30. O folião	99
31. O mar do Queimado	100
32. O mote joanino	101

SENTIRES (CONTINUAÇÃO)

14. Meu tempo	139
15. O poder da mente	140
16. O valor da vida... ..	141
17. Ondas de rima inspirada	142
18. Parenteses para a reflexão.....	143
19. Pensamento(s) do dia	144
20. Perante a dor e o sofrimento	146
21. Quero pintar... ..	147
22. Recordações quem as não tem!?	148
23. Recordar é lembrar do que é seu...	150
24. Recuperar	151
25. Retrospetivando.....	152
26. Sábado diferente.....	153
27. Sonho maternal	154
28. Sopro de vida	155
29. Terra de Bravos (no Olhar).....	156
30. Terra e Mar (Mãe e Pai).....	157
31. Uma faceta.....	158
32. Verso que em mim vive.....	159
33. Viver a vida	161
34. Vocação.....	162

Nota introdutória

Há escritos que fazem parte de um património individual e que se posto a navegar pelas tecnologias da informação global ficam fazendo parte dessa mesma globalização. Não se perdem mas contudo há que preservá-los na forma palpável que é o papel, pese embora, todos os riscos.

Com esta coletânea dos dias de publicação *on-line*, no blogue existente desde abril de 2004, tendo completado dez anos neste ano de 2014, fez-se um englobamento de conteúdos, tendo por temática, após releitura dos artigos selecionados, cinco agrupamentos, ordenados alfabeticamente, bem como os respetivos artigos, a saber:

Aniversários - com 10 artigos;
Dedicatórias - com 37 artigos;
Família - com 6 artigos;
Ilha - com 49 artigos;
Sentires - com 34 artigos.

Um «Sopro de vida» será como que uma abundância no decurso dos dias fecundos de escrita ao sabor da inspiração ritmada pela assiduidade de publicações no mundo cibernauta com o uso e abuso dos sentidos da capacidade humana, no meio de tonalidades originais de terra e mar.

Espero que a leitura seja agradável como foi a escrita. Na verdade a permanência no mundo é muito curta. Temos de aproveitá-la da melhor maneira e deixar algo para os vindouros.

Angra do Heroísmo, 2014/09/04
Rosa Silva (“Azoriana”)

ANIVERSÁRIO - ALBERTO FLORES

Autor do Ailaife Blog

Muitos, muitos parabéns!
Calhou-te num gordo dia
Não importa o que hoje tens
Importa sim a alegria.

E alegria tens aos molhos
Para nos dares e receberes
Até ris com os teus olhos
E fazes rir ao escreveres.

Goza bem o Carnaval
Tens a sorte do teu lado
E mesmo com tanto mal
Rir é remédio sagrado.

Desta amiga açoriana
Com sol na ilha Terceira
Tenhas bom fim-de-semana
E risos a vida inteira.

Aniversários

10º ANIVERSÁRIO - AILAIFE *BLOG*

Zero horas estão batendo
10 Anos está fazendo
O blogue do meu amigo.
É como se fosse irmão
Pouco dias dista então
Do que tem o meu artigo.

Já chegaste à dezena
E contigo vale a pena
Cada artigo é promissor:
É o sol da madrugada
É o tom da gargalhada
Porque escreves com humor.

Parabéns com alegria
Venham mais por garantia
E firmeza de amizade.
Da ilha Terceira Açores
Dou meu voto de louvores
E a maior felicidade.

Um abraço com sorriso
Na roda de improviso
A que estás habituado.
Hoje é o dia do pai
E do blogger que também vai
Sentir-se acarinhado.

A Irmandade dos Escravos de Nossa Senhora

Terminadas as hostilidades da Guerra Fantástica sem que a ilha sofresse qualquer arremetida, os subscritores do voto de 1762 reuniram-se novamente na Igreja das Doze Ribeiras e em ato solene realizado a 11 de Setembro de 1764 fundaram a Irmandade dos Escravos de Nossa Senhora. Esta foi também a data da primeira solenidade em honra da Senhora dos Milagres. Fonte: Wikipédia

A todos que esta nota lerem fiquem cientes de que a I Festa em honra de Nossa Senhora dos Milagres contabiliza em 2014 os seus 250 anos.

Merece destaque e interesse por parte de todos OS AMIGOS DA SENHORA.

Virgem Santa bicentenária
E meio século se soma
Haja Festa extraordinária
Saia da sua redoma.

Serreta, pequena és
De reduto ou dimensão
No adro tens a teus pés
Quem ama o ser cristão.

Leve à ilha inteira
E ao mundo dos crentes
Que a nossa Padroeira
É solene para as gentes.

És centro de Romaria
Altar de muitos pedidos
Tens o Coração de Maria
Alívio dos oprimidos.

Que desde o primeiro dia
De um janeiro entre bruma
Se recorde com alegria
Maria que a Paz apruma.

Tens calvário da Cruz,
Batistério da Esperança
Tens a ilha de Jesus
Em tudo o que a vista alcança.

Vinde povo com sua fé
Proclamar a Santa Mãe
Mesmo aquele que o não é
Proclame quem lhe quem bem.

Tens a serra tão amena
Que te une em seu regaço
Faz crescer sob a patena
O amor de um abraço.

Eis o DIA do décimo aniversário do meu BLOGUE criado a 9 de abril de 2004. Com escritos em prosa e, por preferência, rima, de onde até já se fez livro, foi chegando ao conhecimento da família, amigos e outras paragens mais longínquas, desde que com acesso ao "berço" onde ele nasceu: o SAPO - Serviço de Apontadores Portugueses, com uma equipa sempre pronta a "embalar", digo, a ajudar, a aperfeiçoar e a estimar o que sendo meu/deles passa a ser comunitário.

Chegou o dia! Que a vossa presença, de boa vontade deixe um miminho, em comentário, ao aniversariante.

O agradecimento é a melhor recompensa. Muito obrigada e voltem sempre enquanto a escrita florir.

Dez anos duma escritura
Com alguma assiduidade
Deixa de ser aventura
Torna-se uma realidade,
Onde o amor e a cultura
Assumem a identidade.

Residente noutro lugar
Que de S. Pedro é ainda
S. Carlos, de nobre altar,
Onde me vi ser bem-vinda,
Continua a inspirar
Uma redondilha infinda.

Natural da ilha Terceira
Num leque açoriano,
Onde reside a padroeira
Da romagem ano-a-ano,
Com orgulho na bandeira
E no ilhéu soberano.

Venha um dia iluminado,
Venha uma tarde formosa,
Venha a noite pró meu lado
Sonhadora e amorosa
E venha o céu estrelado
Inspirar sempre a Rosa.

Bem-haja a quem quer bem
Ao que se faz por amor
Inspirado por alguém
Que nos faz trilhar valor
Por alma da minha mãe
Que está junto do Senhor!

Dedicatória de aniversário

A Rosa Silva vos manda
Os sinceros parabéns!
És maravilhosa Banda
140 anos tens.

Foi a 4 de dezembro
De 1873
Essa data hoje relembro
Com louvores mais uma vez.

E hoje há comemoração
Na vossa Sociedade;
Bem-haja de coração
A toda a comunidade!

A família serretense
Honra a Virgem Maria
E a Banda que lhe pertence
Desde o seu primeiro dia.

Minha alma se inflama
Por da Serreta eu ser
E ser mãe de quem vos ama
E à Banda pertencer.

Homenagem eu vos faço
Pelo tempo já passado
Recebam forte abraço
Por cada antepassado.

Meu avô também tocou
Minha mãe vos adorava
E na geração legou
Tudo o que ela mais amava.

Viva, viva toda a gente
Que se empenha nessa ação
Dou louvores ao seu regente
P'lo valor e dedicação.

Trinta e quatro anos do pesadelo
Que entranhou nos nossos lares
A ilha (as três) foram um novelo
Ferido em todos os lugares.

Casas, gente e animais
Dores, pranto e um vazio
Seres que não voltam mais
Terror que jamais se viu.

E hoje o que penso disto?!
Ainda está como vivo
De falar dele não desisto
Há sempre algum motivo.

Reconstrução me comandou
Ao longo da minha vida
Do trabalho que me criou
De onde a ilha foi erguida.

Tanto ano, meses e horas
No meu coração se contam
Tantas imagens sonoras
Que ao sismo me remontam.

Só os sinos se calaram
Nas Igrejas destruídas
Enquanto gentes choraram
As suas vidas perdidas.

Nossas ilhas tem origem
Entre montes e tremura
As tragédias nos exigem
Pensar bem na desventura.

Importa é que nos erguemos
De mãos dadas para a luta
Ai tanto que já fizemos
E continuamos em labuta.

Bravo povo açoriano
Desta ilha renovada
Que ao lembrar daquele ano
Lembres da força gerada.

"Sismo d'Oitenta" já içou
A lembrança à nossa gente
No site tudo apostou
No testemunho presente.

ANIVERSÁRIO - JOÃO ÂNGELO VIEIRA

Nosso ilustre cantador aniversariante

Transcrevo na íntegra o correio eletrónico recebido do amigo dos Açores e dos cantadores de improviso - José Fonseca de Sousa, que neste caso especial do aniversário de João Ângelo Vieira, um cantador favorito, fenómeno terceirense e açoriano:

"Amiga Rosa Silva,

Como há dias lhe disse o Ti João Ângelo faz 79 anos no dia 24-06-2014.

Tinha imenso prazer que publicasse no seu Blogue o (poema?) que junto, nesse mesmo dia, e fizesse um comentário seu acerca do assunto.

Também gostava que a Rosa Silva fizesse um dos seus belos poemas ao Ti João, e também o publicasse no seu blogue.

Estarei a pedir muito? Talvez, mas o Ti João é merecedor, e devemos pedir a quem sabe.

Um abraço
José Fonseca"

250ª FESTIVIDADE - SETEMBRO 2014

N. S. Milagres - Serreta - ilha Terceira. 2014/01/01 Sábado

Contas de oração, flor de Amor
Menino de povo cristão
Ouro de piedade do Senhor
Aurora na palma da mão.

A imagem que nós vemos
Merece nossa atenção
Dos sacrifícios que fazemos
Por Amor e salvação

Não se duvide da Graça
Que dá a Virgem Maria
Por muito pouco que se faça
Ela nos acode um dia.

Seja na consolação
Seja bálsamo de alegria
Seja mesmo pelo perdão
Que o Seu Filho nos cria.

Se pensares bem a fundo
Verás que Sua intercessão
Nos confia ao Seu mundo
No silêncio da Oração.

Ora sempre com fervor
Com a lágrima suplicante
Obterás o seu Amor
Nem que sejas emigrante.

Emigrante da Serreta
Que A levaste no coração
Olha Sua silhueta
Sorrindo dá Sua Bênção.

E das pependes continhas
Do Rosário de Maria
Podes ver as «Estrelinhas»
Voando em cada dia.

25º ANIVERSÁRIO - AMIGOS DA TERCEIRA

Pawtuchet. * Parabéns pelos 25 Anos do Grupo AMIGOS DA TERCEIRA * 1988
- 2013

Um abraço a Victor Santos
Um amigo de talentos
Que a Festa lhe dê encantos
Nos prateados momentos.

"OS AMIGOS DA TERCEIRA"
Associação cultural
Junte todos à sua beira
Em sonhos e no local.

O meu sonho é perfeito
Como perfeito é o Festejo
E bem do fundo do peito
Mando um abraço e um beijo.

Victor Santos representa
A nossa sociedade
E por toda a gente tenta
Dar toda a sua amizade.

2013/10/12

Parabéns caros amigos
Por esta data lembrada
25 Anos serão erguidos
Numa taça prateada.

O perfume da Terceira
Derrame graças do céu
No hastear da bandeira
Do seu berço de ilhéu.

Que a saudade não tinja
O olhar do emigrante
Só o coração atinja
Um sentimento radiante.

E radiante ora fico
Por enviar a cortesia
Ao Amigo que identifico
Na voz, na fé e na simpatia.

6º ANIVERSÁRIO DE «OS CONFRADES DA POESIA»

Fundado em 2008/08/01

Um grupo que bem se aninha
No campo da poesia
E que tanto acarinha
O que por amor se cria.

Quando chega o festejo
Do sexto aniversário
Dou com todo o ensejo
Cumprimento extraordinário.

O mote dá inspiração
À palavra que goteja
Com ternura e devoção
Nova quadra se festeja.

Aos Confrades deste espaço
Com grande admiração
Cumprimento com um abraço
E toda a minha paixão.

A paixão de um Confrade
É render-se ao bem que cria
Que para sempre nos há de
Converter à POESIA!

A poesia é a mais bela
Temperança do viver
Quando crescemos com ela
Mais cresce o nosso ser.

ANIVERSÁRIO - JOÃO ÂNGELO VIEIRA (CONTINUAÇÃO)

Eis o poema de José Fonseca para o Ti' João, como amigavelmente lhe chamamos:

Para o meu amigo, João Ângelo pela passagem do seu 79º Aniversário

É Homem de letra grande
Um exemplo a imitar
Sua amizade se expande
Como uma a flor a brotar.

Deus lhe vá dando saúde
Porque ele, bem, o merece
Pois, na vida, a sua atitude
A dignidade enaltece.

Improvisador de grande valor
No mundo da cantoria
É poeta, é cantador
É filósofo, é simpatia.

Os anos, lá, vão passando
Nossa amizade vai crescendo
É o que vou desejando
Enquanto formos vivendo.

É um amigo sincero
Difícil de se encontrar
E o que eu, somente, quero
É a nossa amizade, preservar.

José Fonseca de Sousa
2014/06/24

ANIVERSÁRIO - JOÃO ÂNGELO VIEIRA (CONTINUAÇÃO 1)

Eis a minha sincera dedicatória para este dia fabuloso:

João Ângelo Vieira - Aniversariante joanino

S. João e seu cordeiro
É por nós reconhecido;
Ti João no cancionero
É, por todos, aplaudido.

Setenta e nove primaveras
São na minha opinião
Motivo para sinceras
Honras ao Mestre João.

É Mestre de Cantoria,
De «Velhas» e Desgarrada,
Do Pezinho e da folia
Que nos provoca risada.

Parabéns, caro amigo,
Que guardo no coração;
Lembro do Pezinho antigo
Na Serreta, na Função.

E lembramos tanta vez
Sua cordialidade
A vinte e quatro deste mês
É nossa celebridade.

O melhor dele se diga:
Tem bondade no sorriso,
Tem beleza na cantiga
E reina no improvisado.

Dedicatórias

AMIGAS/OS

São nos dias todos
Mas hoje parece bem
Desejar alegria a rodos
E tudo o que mais convém.

Estejam longe ou perto
Cabem no meu coração
Que está neste dia aberto
Com a maior satisfação.

Amiga/o, palavra doce
E mesmo se assim não fosse
Outra não podia ser.

Amiga/o estou aqui!
Fico tão feliz por ti
E gosto de ti saber.

À "CANTORIA NA MISSA (IMPROVISO)"

"Maria a Nazarena
Que de graça está cheia
É a linda açucena
Do jardim da Galileia."

(José Eliseu)

Recebi novo tesouro
Que me cativou bastante
Podem letras não ser ouro
Mas são um bom diamante.

Obrigada caro amigo (*)
Que 'inda no leito m'encontras
Em dívida estou consigo
E na escrita doutras montras.

Um abraço recheado
De sorriso amistoso
Seja por Deus amparado
E p'la Mãe de Amor Formoso.

(*) A José Fonseca de Sousa, com os melhores agradecimentos.
O prefácio tem a minha assinatura.

A NOSSA "VOZ DOS AÇORES"

A nossa "Voz dos Açores"
Tem de Euclides permanência
E sei que tem admiradores
Que louvam a persistência.

Leva a alma açoriana
Aos seus fiéis ouvintes
Que se infiltra na americana
Com todos os seus requintes.

Eu adoro aqui estar
E estarei até puder
Enquanto ele me deixar
Na expressão amanhecer.

A expressão declamada
Dos ventrículos da paixão
É como flor coroada
Por laços da Região.

A Região de cada ilha
É feita de arte e som
E quando isso se partilha
Multiplica o nosso dom.

Ai quem me dera louvar
Quem na Região se formou
E na América cantar
Tudo o que Deus me doou.

Na chegada abraçar
Uma terra tão famosa
Os emigrantes beijar
Como pétalas de rosa.

Um abraço ou um beijo
Quando se dá de verdade
É dado com mais ensejo
E abranda a SAUDADE.

A Saudade é comovente
Se não tem à sua beira
Algo que faça presente
Um cheirinho da Terceira.

Ai quem pudesse voar
Na alma da poesia
E convosco logo estar
Numa doce maresia.

Ai quem pudesse chegar
Ao coração de vós todos
E convosco partilhar
Nossa ilha e seus bodos.

Minha vida se desfolha
Na rima que me seduz:
Grata estou a quem me olha
E vê a ilha de Jesus!

A SAUDADE DE EMIGRANTE

Bato à porta do peito
Peço licença para entrar
Ele diz que tenho direito
E que posso lá ficar.

A conversa toma jeito
Cada um no seu lugar
Com melodia a preceito
Acabamos a cantar.

Minha terra é um jardim
De maravilhas tamanhas
Ela sempre foi assim
Entre vales e montanhas.

E para quem dela partiu
Acenando a despedida
Na certa não conseguiu
Esquecer da melhor vida.

A toada das Trindades
Ressoa no coração,
E um verso de saudades
Faz soluçar a canção.

Tua terra cá te espera
Estejas onde estiveres
Começou a primavera
De flores e bem-me-queres.

O teu jardim continua
Com a vista para o mar,
Adormece com a lua
Para o sol vir acordar.

Não esqueças que o dia
À noite dá seu lugar
Numa terna harmonia
Para poderes sonhar.

Sonha com a tua igreja
Com capelas e altares
E outros aonde esteja
A razão de aqui estares.

O carinho do teu berço
Fez crescer o teu amor,
Das continhas de um terço
Honraste o teu Senhor.

Bendita e louvada seja
A entrada no meu peito
Na conversa que te beija
E te faz pensar num jeito
De voltar a quem deseja
Ver teu sorriso refeito.

Agora digo adeus
A quem a porta me abriu
Fiquem na graça de Deus
Coroados p'lo desafio
Que é voltar para os seus
E p'ra terra que vos viu.

CHARRUA - O POETA DO DESAFIO

Para que conste vos digo
A definição de Poeta:
É contudo ter consigo
A inspiração de profeta.

É ter em si o Ideal
O perfume da poesia;
É ter o dom original
E abraçá-lo cada dia.

Depois vem arte e talento
Numa bandeja dourada
Que se serve num momento
E não custa quase nada.

Uma admiração perdura
No Povo e sua memória
E daqui nasce a cultura,
O património e a História.

Após verificar e reler o prefácio assinado pelo Dr. Marcolino Candeias,
sobre José de Sousa Brasil Charrua.

Desde já vos adianto
Que é digno de elogio
Quem trabalhou e fez tanto
P'lo Poeta do Desafio.

Seu espólio catalogado
À nossa disposição
Na Biblioteca zelado
Ao dispor da Região.

No dia que tomei conhecimento do sítio que nos partilha a
documentação existente de Charrua.

AO POETA DOS HINOS

Dia memorável. 2014/01/20

Na sequência da homenagem escrita em artigo anterior, hoje mesmo tive o prazer de fazer uma visita ao Sr. António Mendes, de Santa Bárbara, da ilha Terceira. Não fazia ideia da riqueza cultural em todas as vertentes deste poeta, compositor, ensaiador, com um manancial de cultura impressionante. Fiquei boquiaberta e adorei ouvi-lo declamar os seus versos de memória incomum. Fascinou-me tudo o que vi, ouvi e aprendi em poucos minutos. Nem me apercebi de quanto tempo estive, com meu marido, nesta descoberta tardia. Sabia que ele era autor de bailinhos de Carnaval, etc. mas não me apercebi do valor incalculável deste senhor da rima metrificada. Queria tanto elogiá-lo, homenageá-lo mas tudo o que eu disser ou fizer é uma gota de água naquele oceano cultural.

A ilha Terceira, sem dúvida alguma, é um berço dourado de inspirações quer a bruma vista os ares quer a lira enfeite os timbres da paixão poética.

Peço que, tal como hoje destaquei esta personalidade barbarenses, se faça tudo o que estiver ao nosso alcance para perpetuar os vultos da nossa ilha tão querida.

Obrigada de coração ao Sr. António Mendes, caso o seu olhar percorra esta prosa qual sincera dedicatória.

ÀS "SEXTILHAS NA CALIFÓRNIA"

Grande Cantoria com MANUEL DOS SANTOS / FERREIRINHA (FILHO)
(Thornton / Califórnia) 1999. Coletânea produzida em 2014.
Autor: José Fonseca de Sousa. Capa: Turiscon Editora

É tão bom louvar quem canta
Quer na ilha ou mais além
É de brindar quem levanta
As cantigas de alguém
E com gosto grava tanta
Rima ilhoa, p'ra nosso bem.

Começou Ferreirinha-Filho
Seguido de nobre cantador
Dos Altares o seu brilho
De S. Roque o seu tutor;
A cantar não fez sarilho
No fim deu o seu valor.

Manuel dos Santos terminou
Abraçando Nossa Senhora
E o colega que cantou
Que é filho do Pai d'outrora
Que dizem o humor fixou
Nascido na Boa-Hora.

José Fonseca de Sousa
Recolheu lindas cantigas
Abraçou a nobre cousa
Oitenta e seis sem intrigas
Por caneta que não repousa
Em dar-nos sextilhas amigas.

CADA VEZ... [MAIS SAUDADE!]

A propósito da leitura do maravilhoso livro de Gervásio Lima,
"A Turlu na Califórnia" 1938

Cada vez que um irmão
Faz da vida uma escrita
Saboreando a Região
E toda a classe que edita
Fica rente ao coração
Numa página tão bonita.

Cada vez que me abeiro
Das folhas de ouro fino
Dum escritor pioneiro
Que escreveu com bom tino
Fico tendo um verdadeiro
Contato com o Divino.

Cada vez que me procuram
Dotados destes valores
Certamente me asseguram
A rima dos meus Amores
Que até os lábios murmuram:
Salve, salve nossos Açores!

O encanto se apregoa
E a nossa popularidade
O mote que nos ressoa
É bonito de verdade
Viva toda a pessoa
Que nos eleva a saudade!

DEDICATÓRIA FELIZ

Festa de improvisadores
Em homenagem concreta:
É elevar os cantadores
Com rima e dom de poeta.

Aos «Amigos da Terceira»
Elevo amistosa rima,
Por erguerem a bandeira
Do improviso, com estima.

Nobre povo lusitano,
Emigrante açoriano
Do reino do improviso...

Que Deus convosco esteja,
S. Vicente Paulo se veja
Num belo e doce sorriso.

Para 2014/09/06. Festa de Homenagem aos Cantadores de Improviso,
levado a efeito pelo grupo «Amigos da Terceira», em Pawtucket, USA.

COM TODO O MEU CARINHO

2014/08/10, 14:55

Escrita solene e doce
Transcrevi com tal cuidado
Cantando como se fosse
Melodioso o teclado.

A tempo e sem mais pressa
Em horas de intervalo
Fui transcrevendo a remessa
E com ela me regalo.

Cantigas açorianas
De cariz tradicional
Em terras americanas
Foram hinos de Portugal.

Que se assente em verdade
Que o tempo não contei;
Turlu a celebridade
Com cantigas que amei.

Que Deus que tudo espreita
Que Deus que tudo acautela,
Eleve a alma sujeita
Às lembranças que há dela.

O amor não tem defeito
Se tido com alegria;
O amor é tão perfeito
A quem ama a cantoria.

CRISTIANO RONALDO

(7) BOLA DE OURO

VIVA CR7 O MAIOR
QUE BRILHA MAIS QUE O SOL
CR7 É SEMPRE MOR
PARA A BOLA E FUTEBOL.

MINHA QUADRA LHE DESCERRA
UM SENTIR QUE É ILHÉU
BEM-HAJA O QUE TEM EM TERRA
PAZ AO PAI QUE ESTÁ NO CÉU.

VIVA A SUA JUVENTUDE
COM VIGOR E EMOÇÃO
DEUS LHE DÊ SEMPRE SAÚDE
SUCESSO E BOM CORAÇÃO.

PORQUE BOM ELE SEMPRE FOI
OCUPA LUGAR CIMEIRO (DE OURO)
EM GOLOS É UM HERÓI
CR7 É VERDADEIRO (TESOURO)!

DE CLARISSE BARATA SANCHES

*Com os meus sinceros agradecimentos
Agradeço o rimar, Rosa Maria,
Da “fonte” a jorrar água com fartura
Que me conforta a sede, a nostalgia
E abranda toda a minha desventura!*

*Internet foi um Bem de se abraçar...
Sem ela, logo vinha a sepultura.
Parabéns para quem soube inventar
Este trem que nos dá muita ternura!*

*Temos à porta o dia da Mulher,
Que ele seja p’ra si como quiser
E faça-lhe uma quadra linda e sã.*

*A Mulher que Deus fez dum costela
De Adão para amparar-se sempre a ela.
Mas sem que cobiçasse uma maçã.*

ESTÁ BEM VISTO MAS...

Há sempre um “mas”

Vistas bem as coisas como elas são, todos andamos neste mundo e dependemos uns dos outros. Quem manda depende de que lhe dá o comando; quem trabalha depende de ter que fazer; quem recebe depende de ter patrão; quem escreve depende de quem o lê; quem canta depende dos aplausos que porventura receberá no palco ou num terreiro; quem chora depende de quem lhe limpe as lágrimas; quem ri depende de quem lhe conta a graça; quem vive só depende da bondade alheia; quem se levanta cedo (ou tarde) depende da alegria de não ter dito adeus à vida durante a noite...

Depois desta reflexão ponderada ergo o pensamento, outra vez, para uma frase única: quem merece homenagem depende da resposta positiva a uma pergunta que alguém faz a quem de direito - Quero fazer uma homenagem a “fulano” (= diz-se o nome da pessoa ou entidade) e preciso da sua intervenção em todo o processo. [ponto final].

Até que eu podia fazer a tal pergunta ou pedido mas tem um entrave: - Não aceito um “Não” e pronto. Como, na certa, é um “Não” que vou obter porque (e lá vem um rosário de entraves) é mesmo assim, a vida não está para graças nem para dar de graça, ficamos na mesma, cada um no seu canto à espera de alguém lhe bater à porta com a frase que tantos sorrisos traz: - Venho aqui, em nome de [entidade máxima] para o convidar a estar presente numa sessão solene no [diz-se o local, a hora, etc.], onde contamos com a sua prestimosa anuência, bem como da sua família...

É bonito, não é?! Quem não gosta de se lhes prestar a devida atenção e fazer a merecida vénia?! Serão bem poucos aqueles que não gostam que lhe apreciemos os dons que possuem...

Não posso ser mais direta do que isto. Em toda a nossa ilha (e outras) há milhentas celebridades com artes naturais cujo dom foi simplesmente terem nascido com uma capacidade extraordinária. E porque não louvá-la e aplaudi-la, partilhando com o povo o que de melhor se tem no povo?!

E mais não digo porque a pessoa em causa não merece jamais um “Não” mas um “Venha, venha, amigo do que é nosso, da tradição terceirense!”

DE JOSÉ FONSECA DE SOUSA E ESPOSA

Sinceros parabéns, meus e de minha esposa
para Rosa Maria Silva “Azoriana” - 1 de Abril, dia de aniversário

*Meio século é passado
Na vida da Rosa Maria
Do melhor, ela tem dado
Ao “mundo” da Poesia.*

*Seus versos são alimento
Prós famintos de cultura
Verseja com sentimento,
Amor, carinho e ternura.*

*A ela devemos estar gratos
Por ser Poetisa de primeira
Pois, em verso, faz belos “retratos”
Da sua ilha Terceira.*

*Parabéns lhe queremos dar
Por este dia especial
E também lhe desejar
Poesia: “colossal”.*

José Fonseca de Sousa e Guiomar Sousa
Lisboa, 2014/04/01

DIA DA MULHER

2014/03/08 Sábado

Feliz dia da mulher
É dela que vou falar
Diga-se o que se disser
É diva do canto e do lar.

Mulher é avó, mãe e filha,
Tia, cunhada e irmã,
Neta, sobrinha, partilha,
Triste viúva ou órfã.

Mulher é tudo sem nada
É amor e vida em tudo
E dela nada eu mudo.

Mulher quer-se muito amada.
Mulher é dom celestial
Doce ventre original.

ESCREVER FAZ BEM E LOUVAR TAMBÉM!

A “jonasnuts”, do SAPO
Tudo o quanto nós fazemos
A bem da Humanidade
Há de ser sempre de menos
Comparado com a amizade.

Amizade é a fortaleza
Mais difícil de quebrar;
A nossa tenho a certeza
Jamais irá acabar.

Há um mar de escrituras
Solavancos e marés
E se mais não me procuras
É por estar sempre a teus pés.

Raramente daqui se sai
Sem se postar um artigo:
O SAPO é nosso pai,
Nosso irmão e bom amigo!

LIRA DO SILÊNCIO

Vesti-me de um sonho noturno.
Temi a brasa da solidão.
No entanto e por seu turno
Andei contigo pela mão.
No tempo em que me dera
Ser a luz do teu abrigo
Hoje finito na espera
Da palavra que não digo.

O silêncio é o solavanco
Que de noite me acorda
Nenhuma palavra é banco
Nem tão pouco cai à borda.
Sonho valados de bruma
No teu corpo cinzelado
Por vezes sonho cada uma
Palavra sem texto formado.

E a saudade não impera
Pela falta que me fazes
Há sempre uma primavera
Pró silêncio dos audazes.
O pranto faz-se em pessoa
Que sente o que já se foi
Em mim nada se apregoa
Do que nem sequer me dói.

Parada no meu declive
Numa cama sem sentidos
Sonho com o que não tive
Penso nos fins esquecidos.
Pouco a pouco, levemente
Como quem arde sem fogo
Acordo constantemente
Na labareda do jogo.

Um jogo de pouca dura
Que só por ti quis jogar;
Embrenhei-me na cultura
Quis colher o verbo amar.
Se o amor fosse segredo
Os meus seriam graúdos
Como ave em arvoredo
Sempre com ramos tesudos.

FELIZ NATAL

Da ilha Terceira, Açores
Prá Madeira e Continente
Um abraço de louvores
Extensivo a toda a gente.

Domingo quase no fim
Dezembro pra lá caminha
Uma correria assim
Noutra idade eu não tinha.

Na infância cada hora
Levava uma eternidade
Depois pela vida fora
Percebi a velocidade.

Quando enfim sou feliz
Há uma louca magia
Parar o tempo já quis
Ou então prender o dia.

Mas não dá, nem se engana
O rumo desta corrida
Vem aí nova semana
Que haja saúde e vida.

Porque a doença nos trava
A dor também nos atalha
Só a saúde desbrava
O valor pra quem trabalha.

FELIZ PÁSCOA

O Desenho d'Esse olhar
Parece tão verdadeiro
A dor quiseste desenhar
Mas o olhar eu vi primeiro.

Quiseste ao mundo mostrar
O rosto, sem corpo inteiro,
Que a mim fez contemplar
O olhar são, pioneiro.

A dor se fez por três dias
E ao terceiro se desatou
Transformou-se em alegrias.

Nesse olhar eu me detenho
Foi Deus que te inspirou
Deu mais fé ao teu desenho.

Alusivo à pintura em acrílico s/tela, da autoria de Agostinho Silva, de
"Arte por um Canudo" - Parada de Gonta.

FOLHADAIS DE SAUDADE

Ver o berço que te embalou
A terra que te deu beijos
E depois mais abraçou
Com o maior dos desejos
De voltares onde começou
O melhor dos teus ensejos.

Ver o mar que só marulha
Como estrada em solavancos
Ver o pano onde a agulha
Fez desenhos lindos brancos
E ver toda a faúlha
Que vai pisando os tamancos.

Ver a ilha encantada
O Raminho dos Folhadais
Ver a paisagem nublada
Com desenhos cordiais
E ver que não custa nada
As lembranças dos teus pais.

Ver o campo verdejante,
E as flores de bom jardim,
Ver a casa e lá adiante
A igreja que não tem fim
Onde Cristo triunfante
Dá-te risos de carmim.

Ver negra ave que voa
Nas asas da melodia
Num chilreio que apregoa
E imita a Cantoria
Ver o céu nessa cor boa
Onde o Sol beija o dia.

Ver o verso encimar
O desfile da inspiração,
Não te quero fazer chorar
Quero alegrar teu coração
Sei que um dia vais voltar
Ao solar da Região.

Dedicado a Vera Freitas Lopes

MOLDURA DE CULTURA

Louvo Turlu e nosso Charrua
Na moldura que encima
A beleza que em nós atua
Pelo poder da linda rima.

Um casal que veio à rua
Em sublime hora a estima
Que ficou ao Sol e à Lua
Em versos qual obra-prima.

E hoje louvá-los posso
Porque disso sou capaz
Dou valor ao que é nosso.

Seja hoje ou noutra altura
O verso é o melhor que se faz
Para idolatrar a Cultura.

LIRA DO SILÊNCIO (CONTINUAÇÃO)

Hoje é tão pouco o que faço
Em carne de viva alma
Escrever é o meu passo
Meu antídoto, minha calma.
Já te disse que o amor
É palavra boquiaberta?!
É sentir e dar valor
Ao que nos toca na certa.

Toca-me com tua voz
No ouvido da candura
Segue o cálice de nós
Que rega a viva cultura.

De joelhos, rente ao chão,
O rosto é moribundo
Por um naco de salvação
Por um sorriso fecundo.
Entre bruma e marés
Entre a terra e o mar
Entre a proa e o convés
Entre o partir ou ficar...

Há de haver quem me defenda
Da colina em parapeito
Do soslaio de uma fenda
De algo que eu tenha feito.

Porque prescrevo o bem
Em cada texto redondo
Quando o texto só me vem
No silêncio dum estrondo.
O estrondo do coração
É a catedral da vida
Onde reina a criação
Da palavra mais sentida.

Dou-te palavras somente
Onde a verve está sujeita
Ao que ressalta da mente
E no coração se deita.
No dorso deste meu sonho
Acordado pela aurora
Veio a escrita que deponho
No regaço desta hora.

LOUVOR A CHARRUA

* NOS 104 ANOS DE NASCIMENTO *

Poeta e cantador
Tido por extraordinário:
Hoje ergo outro louvor
No dia de aniversário.

Se vivesses como vives
Junto à estrela do céu
Do meu verso eras ourives
Me tiravas o chapéu.

Mas eu não sou como tu
Nem sequer sou parecida
Muito menos como a Turlu
A tua musa em vida.

Não importa o que eu diga
Importa é a ocasião:
Haja sempre uma cantiga
Por ti e por S. João!

MAIO, MARIA, MÃE

Temos o amor de pai,
Temos o amor de filho
Mas da mente não me sai
Que o da mãe tem maior brilho.

Mãe foste e agora sou
Aprendi contigo tanto
O que me deste e ficou
Foi a fé no que é santo.

Milagres, a Mãe querida,
Da Serreta te quis chamar,
Levou-te da nossa vida
Para nova Vida te dar.

Mãe é um dizer tão doce
O que ouvimos primeiro:
Em maio se quis que fosse
O maior o dia inteiro.

OLHAR PARA MARIA

Mãe dos Homens e do Amor,
Mãe de Deus, Nosso Senhor,
Que muitos nem acreditam
Seja este dia e esta hora
Da Imaculada Nossa Senhora
Consagrados aos que meditam.

É tão simples minha oração
Mas ergo do coração
Um as palavras de encanto:
Peço que a todos proteja
Que abençoe a nossa igreja
Padre, Filho, Espírito Santo!

Tantas provas que nos deste
Ó Virgem Mãe pura e celeste
Para o povo Te adorar;
Outubro mês do rosário
Do Santíssimo escapulário
E do Teu lindo olhar.

Bendita sejas Maria
No retalho de cada dia
Na doença, pranto e dor;
Dai, a todos, discernimento
Para Te ver neste momento
Com o olhar do Teu Amor!

NATAL FELIZ

O presépio universal
É um brilho de emoções.
Que a Santa Paz do Natal
Ilumine os corações.

A semana do Advento
Se partilhe com alegria
À Festa do Nascimento
Do Menino de Maria.

Único com pai depois
Porque antes foi só Deus
Que é Pai de tantos sóis.

Maria foi a Mãe pura
Virgem Mãe dos versos meus
E Rainha da ternura.

NO VERÃO DE S. MARTINHO...
baila a castanha e o vinho

Caldo verde vem na entrada
Logo o manjar de sardinha
E a volta ao canjirão dada
Com a castanha rainha.

No dia de S. Martinho
Não fiques de manta cortada
Avança para o quentinho
Caldo verde vem na entrada.

Que não te apoquente nada
Nem deixes a mesa sozinha
A malga desocupada
Logo o manjar de sardinha.

S. Martinho fica animado
Com uma castanha regada
Do vinho ora estreado
E a volta ao canjirão dada.

Anda tudo em roda-viva
Nos afazeres da cozinha
Há uma dança festiva
Com a castanha rainha.

NUM DIA DO PAI

a bruma

a bruma ossiforme que me invade
que dilacera o que vive em mim
e fico adornada quase em fim
de nada importa o que então me há de.

da farta e ferida mortandade
prefiro isolar-me um tanto sim
e tremo com tal véu de cetim
que me ostenta tudo p'la metade.

metade de mim é vã loucura
outra é olvidável amargura
do tanto que já fiz sem visão.

a noite é a bruma apeteçada
a noite me faz adormecida
assim p'ra me afastar da ilusão.

PORTUGAL, CAMÕES E COMUNIDADES PORTUGUESAS

Portugal de tanto herói
Que navegou pelo mar;
Hoje tanto já se foi
E tende a não mais voltar.

Louvo quem preserva a Língua
Que mátria terra lhe deu
Nem deixou morrer à míngua
O berço onde nasceu.

Camões ficou na memória.
Legou douto manuscrito
Que engrandece a História
E dele muito se tem dito.

Louvo as Comunidades
Nossas irmãs Portuguesas
Juntem-se às solenidades
Que hoje brilham, de certeza.

PARA A AMIGA CLARISSE

Góis - Coimbra

Esta carta que lhe escrevo
No dia da Consoada
É por achar que lhe devo
Uma palavra dedicada.

Querida amiga do bem,
Dos louvores e da virtude,
Seja esta data também
Para si de muita saúde.

Que o Menino de Belém
Lhe aqueça o coração
Sorria como convém
A todo o povo cristão.

Um abraço de amizade
Muito forte, apertado,
Para uma amiga que há de
Estar sempre do meu lado.

PAULA TOMÁS MENESES

Com amizade

Era bebé a minha filha
Quando entraste em meu lar,
Foste então uma maravilha
Por tudo, sempre a ajudar.

Passámos por alegrias,
Tempestades e bonanças,
Mas o melhor que tu fazias
Foi cuidar minhas crianças.

Com zelo e muito cuidado
Penso mais de cinco anos
Foste sempre de bom agrado.

Hoje rendo-me à saudade,
Tão comum nos açorianos,
Mas eu sinto com amizade.

PELA MÃE VERDADEIRA!

O que vejo, pela caneta,
É um verso do passado,
Que quer que a Serreta
Seja sempre altar amado.

Se tu és da silhueta
Que te fez verso gerado
Ao passar p'la tabuleta
Estás em piso sagrado.

É ali que o sol poente
Ilumina com linda cor
O sacrário do Amor.

É ali que tanta gente
De toda a ilha Terceira
Procura a Mãe verdadeira.

SENHORA DA CONCEIÇÃO

Rogai por nós!

Hoje dia da Imaculada Conceição,
Uma vela azul acendemos,
Símbolo do culto e devoção
Que nós cristãos por Ela temos!

Fernando Mendonça

Excelente o contributo
Que a sua quadra tem
Para a Mãe que deu o fruto
Que a todos quer tanto bem

Mãe querida imaculada
Símbolo da conceção
Padroeira tão adorada
Senhora da Conceição!

Nossos versos sejam flores
Para o Altar de Maria
Escrava das sete dores
E a nossa estrela-guia.

PRESENTE DE LUZ

O Natal seja dourado
Não de cousas, só de amor
De alegria iluminado
Pela Graça do Senhor!

Noite linda, céu estrelado,
Muito frio, luz, fervor:
Jesus, Maria e ao lado
S. José, seu protetor.

Nós vemos a grande fé
Que vem dos tempos d'além
Do presépio de Belém.

E a Estrela que bela é
Espelhando a claridade
No regaço da amizade!

Da Lilás ilha naveguei
"Rádio Portugal USA":
Rosa Silva ora vos dá
Um tanto que produz cá.

Esta será, sempre que possível, a quadra de entrada para uma intervenção radiofónica a convite, que muito me honra e que agradeço de coração, do nosso estimado emigrante barbarenses, Euclides Álvares.

Com sã paixão e alegria
"Made in" ilha de Jesus
Vai trabalho que se cria
No livro da minha luz.

A luz que é inspiração
Da musa que em mim existe
Há de entrar no coração
Do alegre ou do mais triste.

E se o toque te atingir
De uma forma saudosa
Cá estou para te acudir
Deram-me nome de Rosa.

Agradeço à Santa Mãe
Que me revela caminhos
Através de quem me vem
Dar afetos e carinhos.

Euclides Álvares é dos tais
Que a Mãe abençoou
E à Rosa, dos Folhadais,
Essa bênção partilhou.

É um terno locutor
Da Rádio americana
Que preserva o amor
Da temática açoriana.

Porque os nossos emigrantes
Merecem nosso sorriso
Hoje não são mais distantes
Do regaço do improviso.

Improvisado é nosso dom,
Nossa alma, nossa fé,
E a ilha lhe dá o tom
Com o timbre da maré.

Há uma maré de saudade
Na cantiga do meu jeito
Que comunga a amizade
Que nasce da flor do peito.

Padre, Filho, Espí'ito Santo,
É a bênção que ora peço,
De vocês já gosto tanto
E jamais eu me despeço.

A despedida é triste
E não quero dar tristeza
Só quero saber que existe
Uma relíquia Portuguesa!

Santo Cristo, solene Festa,
Dos Milagres, de S. Miguel,
Não há outra como esta
Ilha doce como mel.

Pérolas de excelso amor
Por Cristo crucificado
Devoção pelo Senhor
Que tanto tem perdoado.

Capa rubra de valores
Que veste a Santidade
Das nove ilhas dos Açores
De uma a Solenidade.

Luzes brilham quais estrelas
Na noite de romaria
Quem me dera puder vê-las
Nas rimas que a mente cria.

Santo Cristo louvado seja
A toda a hora e momento
Quem no Santuário esteja
Pense no Seu sofrimento.

Pai, Filho, Espírito Santo
Batendo no coração;
Dos Três, um é portanto
O centro da oração.

Reza por mim, por ti também,
Reza pelo mundo inteiro,
E pede à Sua Mãe
Que liberte do cativo
Quem deixou de fazer bem
Porque o mal falou primeiro.

Santo Cristo e Nossa Senhora
Olhem o mundo cristão
E ajudem, sem demora,
A fraqueza de cada irmão
Que enfrenta nesta hora
A dor, a fome, a ilusão.

SEVERINOS

Se há doçura na palavra
Tem-na sim Os Severinos
Se há um dom que nos lavra
Há-o também nos seus hinos.

Quem me dera abraçar
Cada canção que exalta
A sua terra e o mar
Que a tantos fazem falta.

Quem me dera sempre ter
Uma quadra de amizade
E enquanto eu viver
Ouvir vossa novidade.

Vós sóis a alma da ilha
Das ilhas açorianas
E na voz a maravilha
Das raízes lusitanas.

Tenho na palma da mão
O mundo à nossa frente
E tenho no coração
Vosso cantar doce e quente.

Creio que não sou só eu
Que vos ouve atentamente
Vosso cantar já se acendeu
No gosto da tanta gente.

VIDA POR VIDA

Vida por Vida
Mão a mão
Força unida
Sempre em ação.

Passo a passo
Sempre ligeiro
O desembaraço
É do Bombeiro.

Leva o machado
E paz ao que arda
Vai nosso soldado
Pró fogo de farda.

Fardados se movem
Os homens do bem
São os que socorrem
Os que a perder vem.

Mais honras se dê
A estes audazes
Sabemos à mercê
E à morte capazes.

Do mundo heróis
Em Corporação;
Da Paz todos sóis
Por nobre missão.

Família

LUÍS CARLOS (LUCA)

2014/06/25

Com amor eu te criei
Como prima fortaleza
Quando hoje te visitei
No Museu, da grã riqueza
Uma lágrima brotei
No silêncio da realeza.

Sentada num cadeirão
Com meus ares de espanto
Vendo a ilha da Região
Que num sismo sofreu tanto
Nas raízes do teu chão
Que hoje parece santo.

De um sismo renasci
Onde tiveste o berço-sorte
Olhando agora por ti
E pelas contas do teu norte
Trabalha bem e faz aqui
O melhor e o mais forte.

Tua mãe, Rosa Silva, com a alcunha "Azoriana" (o "z" é uma letra internacional, enquanto que o "ç" pode surgir como um símbolo).

A ilha Terceira sobrevive à custa de tantas e tantas obras e festas que envolvem a população interna e externa. É nesta sorte que vivemos e sem ela tudo perdemos. Nunca percas o teu chão natural, o teu valor humano, o teu regalo de ser e estar na ilha mais festiva do arquipélago.

Somos o que somos onde quer que o olhar poisa.

Esta nota foi criada posteriormente à dedicatória e tem a data do dia de S. Pedro, a freguesia citadina onde acertámos passo e pousio - 2014/06/29.

AIDA DE OLHAR CLARO

Um caminho para chegar
E outro para seguir
O teu traz bonito olhar
Com um brilho a sorrir.

Vejo estrelas, vejo o mar,
Vejo o céu por descobrir
A beleza do luar
No teu rosto a florir.

Uma ternura desperta
Sempre que assim te vejo
Como nova descoberta.

És de maio a maravilha
És a flor do meu ensejo
E és um amor de filha.

AOS MEUS FILHOS

Luís Carlos, Aida Alexandra e Paulo Filipe...

Os filhos que Deus me deu
Tem o céu em sintonia
No olhar de maresia
No sentir de ser ilhéu
E ainda em cada dia
No ar que eles tem de seu.

Cada vez que me acompanham
Seja lá aonde for
No meu coração desenham
O prestígio do amor
E oxalá que sempre o tenham
Como pétala duma flor.

Não é preciso abraçar,
Nem é preciso frequência
Na forma de contatar
Haverá sempre evidência
No que a voz pronunciar
Em louvor da existência.

Não digo que tem valores
Nem digo que são troféus
Só direi que são mentores
Destes meus ares ilhéus
Nascidos pelos Açores
Tem tudo o quem vem dos céus!

LINDO O TEU OLHAR

Teu olhar que acredito
E te fica muito bem
Pena é que te seja dito
Pela palavra de mãe.

Porque a mãe ama os filhos
Que Deus lhe quis doar
E vê-los com estes brilhos
Dá para se orgulhar.

Todos três no seu lugar
Cada um com seu feitio
Que o meu ventre quis gerar
E seguir seu desafio.

Desafio de uma vida
Porque a vida é só uma
A chegada traz partida
Entre o que resta em suma.

PARABÉNS A TI (E À GENTE)

Muitos parabéns, meu querido!
Num dia tão especial;
Por termos juntos unido
O teu ao nosso ideal.

Festejemos nossa data
Neste que é o teu dia:
Há um laço que se ata
Com amor e alegria.

Três anos que já passamos
Numa nova união
E outros que recordamos
Do fundo do coração.

Porque há sol, marés e ventos,
E outras que tu me dizes...
Entre todos os momentos
Destaquemos os felizes!

ÚLTIMO SÁBADO DE FEVEREIRO

Dedicatória póstuma a Carlos Cândido. 2014/02/22

2011/02/23 Faleceu pelo Carnaval, do qual gostava muito

Como é sabido, pela maior parte dos conhecidos, nem sempre fui amante de escritos em prosa e/ou rima. Não escrevia coisa alguma no tempo em que nem tempo havia para pensar nela.

Por outro lado, sempre tive pensamentos continuados e fora de comum, que ninguém sequer sonhava que os tinha. A minha mente, como a de muitos, é um amontoado de ideias, palavras e sonhos, uns realizáveis, outros apenas flutuam calados.

Isto a propósito de dar comigo, nos dias que correm, a escrever escrituras mesmo sem papel nem caneta, sem teclado nem outro qualquer meio tecnológico. Apenas escrevo mentalmente em rascunhos sem passar à efetiva edição.

E quando leio outros escritos em prosa catedrática, como lhes chamaria, ou em rima intuitiva, sinto chegar a galope uma vontade imensa de dar vida a letrinhas coroadas de mil sentimentos ilhéus e, mais concretamente, com a tonalidade dos verdes húmidos e azuis marinhos ou celestes de um palmo serretiano. Amo este termo que encontrei (e não lembro se já o conhecia mas não me é totalmente estranho) numa nota de Fagundes Duarte, neste sábado de invernias.

Como sou feliz, minha gente amiga (ou não), com os escritos de outrem e meus. Como sou feliz quando dou aplausos e os recebo em prol da escrita que acende fogueiras na alma.

Estou completamente apaixonada por tudo o que me faz escrever e ler neste pedaço de escritos amontoados, ora de alegrias, ora ténues badaladas sentimentais.

Escrevo e escreverei até que haja motivo para abraçar o que de melhor tenho: a ilha, de ilhas e de escrituras valentes, coloridas de anil, de pastos, montes e vales... Palcos marujos e outeiros de esperança.

Não se deixe empalidecer a ilha que somos.

Sábado, véspera de um aniversário de quem trouxe o mar à minha mãe - terra serretiana, mas que partiu para outro universo há treze anos.

Que este escrito prosaico o eleve como o elevo agora: - Carlos Cândido, meu pai, mestre, artista de pluri-artes, oxalá estejas bem, na companhia da minha mãe!

Todos amamos os nossos antecedentes de uma forma ou outra, na justa medida. Pena é de quem não pode amar, entenda-se querer-bem seja a terra ou o mar: o que nos constrói em laços de fogo e cultura.

ANGRA E O SEU JARDIM

Olhando para uma imagem
Que mostra nosso jardim
Apetece a homenagem
A quem o partilha assim.

João Frederico dá talentos
Dos talentos jardineiros
Porque são estes momentos
Que divulgam bons canteiros.

A Terceira é uma flor
De verdes engalanados
No retalho do amator
Que os deixa divulgados.

Nossa terra, nosso lar,
Nosso altar de esperança,
Verde-lilás a comandar
Até onde a vista alcança.

Minha terra de cantores,
De arraial e romarias,
De sábios vultos, sabores,
De Pezinho e Cantorias.

Minha terra de lirismo,
Numa dupla trajetória,
De Angra do Heroísmo
E da Praia da Vitória.

Mesmo sem ser a vedeta
Duma cultura imensa
Tenho orgulho na Serreta
Que meu verso não dispensa.

Cada pétala um sorriso,
Cada flor um beijo meu,
Para quem tem o improviso
Em tudo o que tem de seu.

A FORÇA DA ILHA

Veste-se a ilha
Com sua saia florida
Dos montes liberta vida
Como mãe que gera a filha.
A ilha lenços verdejantes
Temperados da salina
Que com a doce neblina
Ganha tons que não vira antes.
A ilha é tom de rosa
Bordada de mar anil
Num bailado tão gentil
Que se faz sonho de prosa.
A ilha é minha e tua
Nas estrelas ao luar
Na cagarra a festejar
O silêncio da noite crua.
A ilha é singela flor,
Um sortido de dias
De bruma e alegrias
Um gemido de amor...
Sim... Tudo isto é a ILHA!

A MELODIA DAS ÁGUAS

Ouvem-se à volta da ilha
Melodias de encanto
Com a clave da partilha
Semeia o verso que canto.

Meu amor p'la redondilha
Extravasa o meu espanto
Pelo verso que mais brilha
Se ao nascer dele gosto tanto.

Solfejo primaveril
De águas de ilhéu somente
Retalhos de lusa gente.

Correm doces águas de abril
Pelos campos a cantar
Unindo o refrão no mar.

ALTAR DA ILHA

Ó minha Serreta linda
Altar da Mãe de Jesus
Como ela não vi ainda
Entre verdes, céu e luz.

Como ela não vi ainda
Bela flor que me seduz
Tem uma graça infinda
Da Mata que lhe faz jus.

Serreta ó cheia de graça,
Rica de cores na praça
Que dá feriado à ilha.

És berço da minha fé
De quem te visita a pé
Que vê tua maravilha.

BAILADO AÇORIANO

Dançam as ondas do mar
No palco de águas mansas
Dançam estrelas no luar
Que com teu olhar alcanças.

Dançam ramos de arvoredos
Com melodias de vento
E dançam os meus segredos
Nas linhas deste momento.

As ilhas são um mistério
Numa dança regional;
Em cada uma um Império
Com Bandeira em pedestal.

Dançam as letras fogosas
Que saem do coração
Como um ramo de rosas
Que dança da emoção.

Somos aquilo que criamos
Na mansidão da escrita;
Somos tudo o que amamos
Só quem vê nos acredita
E se não somos sonhamos
Com a dança favorita.

ANGRA, BELA CIDADE!

Por entre as barbas de milho
Vai surgindo uma cidade
Que seguiu sempre o trilho
De genuína lealdade.

Plena marina e baía
Onde a areia tem lirismo
E onde lavra em cada dia
Os motes de heroísmo.

Angra plácida e serena
Cantiga de amizade
Onde não será pequena
A limpeza que a invade.

Há flores e tanta arte
Que vejo transparecer
Fazem dela quota-parte
P'ra bem dela se querer.

Venham ver nossa cidade
Uma flor açoriana;
E ficarão com mais vontade
De voltar noutra semana.

Voltem e disfrutem dela
Do seu adro por inteiro
Vejam como está bela
Do vale até ao outeiro.

AS LINDAS SENHORAS

A propósito do comentador Brito Fraga,
Na "Voz dos Açores", sábado 2014/03/22

No Corvo e na Serreta
São tidas lindas Senhoras
Dos Milagres na silhueta
Duas ilhas que bem decoras.

A Corvina e a Serretense
Do Concelho e Freguesia
Que a uma e outra pertence
Sempre a mesma simpatia.

Quase a mesma população
Reside em cada uma
Mas a força da oração
É das maiores em suma.

Feliz sou p'la naturalidade
Como a sua que vejo
Ser também formalidade
Que merece o meu ensejo.

Um abraço apertado
Mesmo sem o conhecer
Fico eu cá deste lado
Ao dispor por assim dizer.

Que se parem breves horas
Quando em tom de despedida:
Louvo as belas Senhoras
Que nos dão Amor à Vida!

AS TORRES

De Angra do Heroísmo

As torres ao céu erguidas
Dos templos da boa cidade
Angra de mãos estendidas
Numa súplica divindade.

Património mundial
Comemora a trintena
Com traçado original
E a Sé de Cristo em cena.

Misericórdia reluz
Do seu alto campanário
No coração tem Jesus
Santa hóstia no Sacrário.

Solene paralelismo
Reina nas torres de fé
Viva Angra do Heroísmo
E quem mostra como ela é!

Viva quem vier por bem
À Catedral do Salvador
E a quem vier também
Visitar o Redentor.

Há um fogo que se ateia
No peito da Brava gente
Por ver sua Angra cheia
De beleza no presente.

CHEIRINHO DA ILHA TERCEIRA

Gostava de assim chamar
A minha intervenção
Para puder perfumar
Quem ouve a vossa emissão.

Foi a quinze de fevereiro
Que minha voz emigrou
E foi o dia primeiro
Que com efeito ecoou.

"Voz dos Açores" na estação
Rádio Portugal USA
Onde cada coração
Bate como o meu, bem sei.

Com inédita criações
No sábado de cada semana
Deus dê mais ocasiões
Prás rimas da Azoriana.

Obrigada a todos vós
Com atenção redobrada:
Seja louvada a vossa Voz
Pelos Açores admirada.

Doravante o meu regaço
É uma hortense de alegria
Termino com um abraço
A quem me fez companhia.

CAPELINHA DOS MILAGRES

Fajã um lugar sagrado
Porque sagrado é o chão
Onde outrora foi deixado
O que hoje é uma Bênção.

Não lhe façam mal algum
Ajuda a preservar
Um altar tão incomum
Que serve para assinalar.

Assinala uma passagem
Que serve de oração
A quem passa de viagem.

E quem nesse local chora
Ou sorri de coração:
Milagre tem da Senhora.

CARNAVAL DA, LILÁS, ILHA

Uma colcha de poemas
Embeleza a ilha Terceira:
Os Bailinhos com seus temas
São a paixão verdadeira.

Carnaval não tem idade,
Nem tristeza, nem pecado;
É um palco de amizade
Sempre com a rima ao lado.

Carnaval da, lilás, ilha
Não tem conta nem medida
Foi amado toda a vida.

Na diáspora se partilha
O Carnaval dos lilases:
"Ora vá dentro rapazes!"

2014/02/23

CASA MORTUÁRIA DA SERRETA

Inauguração em 2013/09/27
(Sexta-feira, 18:30)

Dizem que o homem não chora
Porque conseguiu inaugurar
Mesmo que em cima da hora
Do seu ofício acabar
E sofreu muito até agora.

Foi um sonho o seu projeto
Numa Junta de pouco povo
Talvez nem teve dele afeto
Mas isso já nem é novo
O ato final foi concreto
Por isso eu muito o louvo.

Agora daqui para a frente
Quando alguém ali falecer
Na freguesia de pouca gente
A sua urna já ali vai ter
Sala melhor e decente
Antes de à terra fria descer.

Nas tábuas de um caixão
Vai saber o mundo inteiro
Que junto à consternação
Terá na Casa o letreiro
Chorando com a população.

Minha gente tão querida
Ninguém fica pra semente
Pode-se brincar com a vida
Mas a morte é simplesmente
O que torna a despedida
Um luto e uma dor ardente.

E quando um dia me for
Levo dentro do meu peito
O que fiz com muito amor
E também o mal em preito
Agradeço muito ao Senhor
Por ter visto o último leito.

DECLARAÇÃO DE AMOR UNIVERSAL

Dr.^a Dina Aguiar
Merece todo o afeto
Dá ao mundo a divulgar
O “Portugal em direto”.

Venha ver também as ilhas
Dos Açores, fabulosas,
Digo que são maravilhas
Entre cores, rimas, prosas.

Da, lilás, ilha Terceira
Um abraço coroadado
Pelo amor à bandeira
E ao rico chão sagrado.

Venha ver o sol dourar
As paisagens soberanas
E com gosto saborear
Iguarias açorianas.

CULTURA AÇORIANA

Julgo não estar errada se vos disser que cada vez mais se pugna por registar acontecimentos culturais açorianos no universo local, continental e ou na diáspora.

A emigração e a deslocalização são fenómenos frequentes e a tendência atual é fazer uso e preservar tradições, usos e costumes, legados dos antepassados, que através dos meios disponíveis e em franco progresso dão aso a múltiplas apreciações e comentários que animam a alma.

Mas atrás de uma objetiva ou de qualquer equipamento de captação de som e imagem há um ser que retira à sua existência ativa umas horas de persistência e acompanhamento de atividades cuja missão é dar o que de melhor aprenderam e receberam ao longo de outras tantas horas de atuação.

Isto a propósito de cassetes, livros e outras formas de divulgação que tem vindo a público, cuja temática é “cultura açoriana”, nomeadamente a que respeita às festividades e acontecimentos levados a efeito na ilha Terceira, de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nos últimos anos há um manancial de informação que é de orgulhar os residentes e emigrados, sobretudo aqueles que zelam e amam o que lhes foi inculcado naturalmente.

Apetece-me, também, frisar que há uma idade para tudo e a faixa etária dos “entas” e mais são as que, a meu ver, se aproximam mais deste campo de apreciação do que é genuíno e dado sem mais aquelas. Noto que a cultura popular do Pezinho, Cantoria ao desafio, Desgarrada e outros cantares de vínculo ilhéu tem maior público naquelas faixas etárias.

Os intervenientes na cultura popular é que estão a surgir numa faixa jovem junto dos consagrados ou veteranos no que toca ao dom do improviso. A juventude está como que a abraçar mais cedo um dom peculiar e interessante que nem tem a ver com estudo mas com a capacidade de deixar voar o que a inspiração lhes faculta no momento exato que une som e voz. Não há espaço para articular grandes pensamentos... Há a vocalização rápida e coerente com o que se ouviu e se responde a compasso breve, certo e melódico.

CULTURA AÇORIANA (E SENTIR ILHÉU)

Deixo uma palavra franca de homenagem a todos os que captam som e imagem, escrevem artigos, comentários, textos e livros alusivos à temática: CULTURA AÇORIANA. Uma palavra de franca homenagem aos membros do Governo Regional que se apresentam aquando do lançamento desses mesmos volumes de informação DE e PARA o povo. Uma palavra de franca homenagem a quem se desloca de outros lugares externos para apreciar, fixar e amar o que se vai realizando em prol da nossa bela e estimada cultura popular. E, ainda, uma palavra de franca homenagem aos acompanhantes dos que gostam e amam o fenómeno natural ilhéu, por não negarem o gosto de quem os rodeia.

Por fim, e não menos importante, uma palavra de franca homenagem a todos os intervenientes no ato cultural de índole popular regional. Esses são os mestres e os amadores cuja paixão é doar o que de melhor herdaram duma raiz cuja visão causa **espanto, amor, saudade e alma**.

Espanto, amor, saudade e alma

Para que se tenha espanto
Do que é visto ao olhar
É preciso saber um tanto
Da origem de um lugar.

Para que se tenha amor
Depois de muito avistar
É preciso dar valor
Ao que captou do lugar.

Para se sentir saudade
Do que viu e amou
É dar à intimidade
Novo olhar ao que captou.

Não ter a alma pequena
Ser dotado de nobreza
E saber que a melhor cena
É real por natureza.

DE RIMA AO LEME

Bordada de um mar imenso
Vai a ilha a navegar
Colorida de um intenso
Verde belo a marulhar.
Ao leme traz em suspenso
Nova rima a comandar.

Quando o luar vem de manso
Acodem nove estrelas
No mar alto, então, balanço
Olhando o céu para vê-las...
Só que assim não há descanso
Quero na rima prendê-las.

Rima é doce melodia
Tida ao compasso de mar
Coroadada de maresia
Que o colo vem abraçar
Quando o sol já anuncia
A lua que vai chegar.

Perdida na noite linda
Numa vela adormecida
A rima não sai ainda
Sem a estrofe aparecida;
Chama a lua de bem-vinda
Ao leme da sua vida.

Corre, corre bom veleiro
Por esse mundo além
Traz-me verso hospitaleiro
Pra dar a quem me quer bem;
Que sejas tu o primeiro
Na rima que ao leme vem.

FERREIRINHA DAS BICAS

Lembrete: Centenário do nascimento de Francisco Ferreira dos Santos (Ferreirinha das Bicas), em 25/10/2014.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre e Junta de Freguesia da Terra-Chã

Biografia

Francisco Ferreira dos Santos nasceu no lugar da Boa Hora, da freguesia da Terra Chã, concelho de Angra do Heroísmo, ilha Terceira, em 25 de outubro de 1914 e faleceu na mesma freguesia em 18 de fevereiro de 1981 (aos 66 anos), mais conhecido por FERREIRINHA DAS BICAS, foi um improvisador, poeta e cantor popular açoriano que se notabilizou pela sua verve e humor. Foi autor de versos repletos de humor, pontuados por ditos que o tornaram um improvisador de qualidades inegáveis, tendo apenas aprendido os rudimentos da leitura e da escrita. Era horticultor de profissão.

Começou a cantar em público quando tinha 19 anos de idade, improvisando cantigas em ranchos de matança e noutras festas populares. A sua facilidade de improviso, os conceitos elevados, onde a sensibilidade atuava sem esquecer a razão e o humor que perpassava a sua produção lírica granjearam-lhe grande popularidade, passando a ser contratado para festividades por toda a ilha.

A sua fama levou a que tivesse atuado nas ilhas do Pico, S. Jorge, Graciosa e S. Miguel, tendo ainda realizado deslocações aos Estados Unidos da América e Canadá para cantar em festas organizadas pelos emigrantes açorianos ali radicados.

Nas suas atuações o Ferreirinha cantou em despiques com os melhores cantadores: Charrua, Bravo, Tenrinho, João Vital, Gaitada, Caneta e Abel Coelho Costa.

Profundamente ligado às festas das irmandades do Divino Espírito Santo, também compôs versos e enredos para danças de Carnaval, entre as quais ficaram célebres a Dança dos marinheiros, a Dança de Camões e a Dança de D. Miguel e D. Pedro IV, todas danças de espada de tema clássico.

DES 4º DOMINGO

Um não sei quê
Um não sei quanto
Não sei porquê
Não sei de tanto.

Foguete ecoa
Passo alinhado
Cetro e Coroa
Por todo o lado.

Gente feliz
Em romaria
Sua voz diz
Ave-maria!

Gente de fé
Hino de Amor
Todos de pé
Por Ti, Senhor!

E a melodia
Da nossa Banda
Faz companhia
A quem comanda.

Desde o berço
Que a Região
Reza o Terço...
Há coroação!

Foram as Rosas
Santa Isabel
Que deram prosas
Versos de mel.

Um não sei quê
Um não sei quanto
Já sei porquê
É Espírito Santo!

DIA DOS AÇORES

Ó Açores da minh'alma
Hoje é grande a tua palma
Ciranda em mar de amores
A beleza dita AÇORES!

Ó ilhas do nosso espanto
Um Museu que vale tanto;
Ciranda por entre flores
Culto chão dito AÇORES!

Açores de nove irmãs
Cantando pelas manhãs
Um hino de esplendor...

Indo além cantam saudade
Alegria, paz, amizade...
A seu jeito cantam AMOR!

FEITIÇO DE MAR

Junto ao mar de S. Mateus
Numa paisagem marinha
Parece que vejo Deus
Nas asas duma andorinha.

E o mar no seu bailado
Que não perde o seu compasso
Pela maresia é beijado
E recebe o meu abraço.

Mar da ilha, mar celeste,
Mar bravio, mar anil
Mar de valsa ao quadril.

Mar que de azul se veste,
De espuma apaixonada
Que me deixa enfeitiçada.

ILHA TAURINA

Bravo toiro que ateia
O pó da nossa atenção
E o ilhéu incendeia
Duma brava atração.

Com guarda-sol o capinha
Atiça bravo serviço
E do toiro se adivinha
O seu novo reboliço.

Uma afición terceirense
Que nenhuma outra imita;
A bravura nos pertence
E a quem a acha bonita.

Bravos ilhéus que festejam
Uma magia de cores
Louvados p'ra sempre sejam
Ganadeiros e pastores.

No caminho da investida
Uma dezena de pastores,
A corda só é comprida
Se a pancada causa dores;
Um toiro só brilha em vida
Por quem mostra seus valores.

Veraneio de folia,
Um imenso festival;
Um passo maior se cria
Em defesa do animal;
Todos querem alegria
No redondel arraial.

FERREIRINHA DAS BICAS (CONTINUAÇÃO)

Centenário do nascimento
25-10-1914 / 25/10/2014 (sábado)

Serve este para lembrar
O povo da sua freguesia
Que devem comemorar
O momento com cortesia.

Centenário do nascimento
A 25 de outubro
Sábado bom para o evento
De cantoria ao rubro.

Homenagem com
cantadores
Do improviso original
E também com tocadores
Da tradição regional.

Não fui eu que me lembrei
Mas alguém me alertou
Agora digo o que sei
E ninguém me obrigou.

Só sei que é de bom-tom,
Lembrar os nossos patrícios,
Que tiveram como dom
A rima em seus ofícios.

No meu blogue fica dito
Isto que vos digo agora
Certamente foi favorito
Ele ter nado na Boa Hora.

Em boa hora se faça
Uma homenagem grata
Que venha à rua e praça
Toda esta cultura nata.

E se proclame em jornais,
Na rádio ou televisão
Também se leia em portais
O que honra nossa Região.

FESTEJO

S. João versa alegria
Estampada no seu dia
Em cada ponto ou esquina.
É tão nosso festejar
E pela rua marchar
Na Festa Sanjoanina.

Parabéns a quem faz anos
Em moldes açorianos
Na ilha de Jesus Cristo;
Batizados por João
Comungam do seu torrão...
Que de louvar não desisto.

Para quem fica por casa
E sente a mecha da brasa
Que surge na gente agora...
Podem crer que são lembrados
E os tempos já são dados
P'ra nos marcar vida fora.

Falar, cantar e dançar,
Escrever o que inspirar
De tudo o que cá se vê?!
É fazer do dia-a-dia
Um ramo de alegria
Para dar a quem nós crê!

Terceira ilha que faz
Da sua flor tão lilás
Um bouquet de amizade;
Quem nos visita e abraça
Colhe toda a nossa graça
Que reluz festividade.

Viva a Festa principal
De uma Angra mundial
Que se faz em otimismo,
Seja sempre recordada
E por tanta gente amada
Linda Angra do Heroísmo!

GAIVOTA EM TERRA...

Pelos tetos insulares
Navega calma gaivota
Pouco ou nada se nota
Do seu voo hoje nos ares.

Se de novo então fixares
O seu ar todo janota
Irás ver que não desbota
Entre os voos similares.

Vem do mar até à terra
Essa gaivota gentil
Que pousa mas não emperra.

Voa gaivota à vontade
Entre verdes tons e anil
De Angra linda Cidade.

MEU LAR DE SAUDADE

S. Bento é padroeiro
Duma parte da cidade
Que alegria o ano inteiro,
Quem o ama de verdade.

De S. Bento muito bailinho
Já saiu antigamente
O povo tinha carinho
E amor pra dar à gente.

Hoje tudo é diferente
Foi voando na emigração
Quem se lembra certamente
Ouve timbres no coração.

Um coração que é angrense
E voa em altitude
Leva todo o que pertence
Ao seu brilho de juventude.

Eu canto pra ti agora
Meu amigo eis o momento
De juntar Nossa Senhora
Ao patriota S. Bento.

Nossa Senhora dá Luz
Alegria na Saudade
Do Seu ventre deu Jesus
Pra salvar a humanidade.

E tu salva o que puderes
Salva a ti dessa tristeza
Faz rir todas as mulheres
E homens da Portuguesa.

S. Bento rogai por nós
Rogai pelos teus irmãos
Dos teus egrégios avós
Que tinham fé de cristãos.

Rogai pela gente em festa,
Dai a outros, temperança
Não há pátria como esta
Na folia de uma Dança.

Temos, todos, um prazer
De rimar terra e mar
E de à noite adormecer
Com Jesus a embalar.

Temos coral, temos fado
Temos tudo de direito,
E temos do nosso lado
Um amor mais-que-perfeito.

Viva, viva a ilha Terceira
Que no seu ventre gerou
O que toma a dianteira
Naquele que emigrou.

Da alegria com a saudade
Faz-se o par ideal
Para ir à Sociedade
E ao Centro Social
De S. Bento que por sinal
Agrada com majestade.

ILHA TERCEIRA DO IMPROVISO

Há muito amor no que faço
Entre palavras amigas:
A Terceira em seu regaço
Tem um mundo de cantigas!

Se as minhas são de escrever
Porque a voz não se levanta
Oxalá possam amanhecer
Na lembrança de quem canta.

Tantos dons na Brava gente,
Tanta cantiga sortida
C'roada de bom juízo.

Minha palma é permanente
À ilha que deu mais vida
Às cantigas de improviso.

[Que não chegaram a ser marcha]

1) Angra, 30 anos de Património Mundial

Refrão

Angra no palco da História
Do cidadão e campónio
Alegre na sua glória
Trinta anos de património
E leva de braço dado
Toda a ilha a cantar
Com S. João do seu lado
Toda a noite vai dançar.

1 Primorosa de cultura
Uma musa quinhentista
Dos lábios solta a ternura
Lusa que a todos conquista.
Rota de amor e talento
Na praça velha cidade
Há quem a vê num momento
Volta e toma assento
Numa maré de saudade.

2 Palácios, igrejas, fortes
Muralhas e Catedral
No Castelo tiram as sortes
Pela nobre capital.
De ruas emparelhadas
Onde o meu amor passeia
E quando sobe as escadas
Cruza o céu as badaladas
E o coração incendeia.

3 Do Centro ao Monte Brasil
Património da Humanidade
Na Praça manta em perfil
Calcetada de bondade
Adornada de sorrisos
Recebe quem nos visita
No abraço de improvisos
Engalanada de frisos
Diz que Angra é favorita.

4 Cantamos com emoção
A festa que vale tanto
Viva, viva S. João
Como é festeiro este Santo
Vem pra rua com a gente
Vem tomar gosto à folia
A fogueira é corpo ardente
Angra pula de contente
E se refresca na Baía.

2) Angra, 30 anos (JÓIA) de património mundial

Viva Angra, património do mundo,
És a flor em tom de lirismo
Desfalecida ergueu-se do fundo
E do terror que sofreu pelo sismo.

Angra bonita esbelta aprumada
Recebe o povo de braços abertos
Em cada rua do centro amada
Cartaz viçoso em valores despertos.

Angra tingida de amor colossal
É do seu povo a grande vedeta
Deu-lhe a UNESCO valor mundial
Sobe o pódio da nova faceta.

Angra menina, mui nobre e constante,
Sempre leal, jóia da antiguidade
Recebe mimos do povo emigrante
Que reconhece a sua identidade.

E no regaço da Praça que é Velha
Recebe amigos que ama e venera
Corpo lírio a rosa vermelha
E canta a gosto o que já se espera.

Refrão:

Vamos amigos, vamos festejar
Com alegria p'la rua a cantar
Pé no basalto roda teu balão
Viva a Festa, viva S. João.
Anda comigo a noite é tão bela
Há manjerico louco à lapela
Louco é o beijo que já me seduz
Angra cidade se enche de luz!

MUROS DE ANGRA JOANINA

Vejo lágrimas pendentes
Que tomam a cor lilás
Que fazem lembrar as gentes
Que não voltaram para trás.

Vejo abertas sementes
De beleza eficaz
Mesmo que sejam cadentes
Só de olhar trazem a paz.

Ó que pétalas divinas
Trazem as Sanjoaninas
Aos muros da tradição.

Ó que saudades eternas
De quem as achava ternas
Cores santas por S. João.

MINHA ALEGRIA

Há o coração da ilha
Porque a ilha é coração
Na beleza que partilha
P'la rádio à população.

Ilha bordada de afeto
Em retalhos d'esperança
Rendilhado predileto
Até onde a vista alcança.

Sobe a serra, acena ao mar
Que agradece a cortesia
Sempre, sempre a balouçar
No cordão da noite e dia.

Ó ilha, tua beleza
É onda que contagia
És pão-alvo sobre a mesa
Meu amor, minha alegria.

MUDAM-SE OS TEMPOS...

Foi-se o tempo do meu tempo
Da bela saca de retalhos
De outrora em passatempo
Ante o dia de finados.

Foi-se o tempo de pedir
Do dia que deixa de ser
Por já não se ver sorrir
Com sacas do bem-querer.

Por alma de antepassados
Se pedia em debandada
Os meninos entusiasmados:
"Soca vermelha soca rajada
Tranca no c*u a quem não dá
nada!"

«Pão-por-Deus» da juventude
Minha e de mais alguém
Hoje perdeu a virtude
A folga se foi também.

Mas não haja arrelias
Seja o dia adiado
Pedir faz-se todos os dias
Não precisa ser feriado.

Domingo, dia do Senhor,
Enquanto se acreditar
Que a data só tem valor
Para quem lhe quiser dar.

Segunda, terça, quarta ou quinta,
Sexta, sábado e domingo,
São dias de correr tinta
E que não se veja em respingo.

Se a palavra é exata
E respinga por defesa
Há de atingir quem a mata
E nos causa mais tristeza.

Todos os Santos neste dia
Desde sempre que me lembro;
Das crianças em romaria
No dia 1 de novembro.

Enfim foi mais uma quebra
Na pausa para refletir
Porque já não se celebra
A esmola de pedir.

MUNICÍPIOS DA ILHA TERCEIRA

A ilha Terceira é composta por 2 municípios: Angra do Heroísmo (AH) e Praia da Vitória (PV). Cada um tem 19 e 11 freguesias, respetivamente, totalizando 30.

MUNICÍPIO	FREGUESIA	PATRONO	FUNDAÇÃO	#
PV	Santa Cruz	Santa Cruz	Cerca de 1456	1
AH	Sé	S. Salvador	Cerca de 1478	2
AH	Altares	S. Roque	Cerca de 1480	3
PV	Vila Nova	Divino Espírito Santo	Cerca de 1482	4
AH	Santa Bárbara	Santa Bárbara	Cerca de 1486	5
AH	Porto Judeu	Santo António	Cerca de 1502	6
AH	Vila S. Sebastião	S. Sebastião	1503	7
PV	Vila das Lajes	S. Miguel Arcanjo	1507	8
PV	Fonte do Bastardo	Santa Bárbara	Cerca de 1531	9
AH	Conceição	N. S. da Conceição	1553	10
PV	Biscoitos	S. Pedro	Cerca de 1556	11
AH	S. Bartolomeu dos Regatos	S. Bartolomeu	Cerca de 1560	12
AH	Ribeirinha	S. Pedro	Cerca de 1568	13
AH	S. Mateus da Calheta	S. Mateus	Cerca de 1568	14
PV	Cabo da Praia	Santa Catarina	Cerca de 1568	15
PV	Fontinhas	N. S. da Pena	Cerca de 1568	16
PV	Quatro Ribeiras	Santa Beatriz	Cerca de 1568	17
AH	S. Bento	S. Bento	1572	18
AH	S. Pedro	S. Pedro	1575	19
PV	Agualva	N. S. de Guadalupe	Cerca de 1584	20
AH	Santa Luzia	Santa Luzia	1595	21
AH	Doze Ribeiras	S. Jorge	Cerca de 1684	22
AH	Terra Chã	N. S. de Belém	1825	23
AH	Serreta	N. S. dos Milagres	1862	24
AH	Cinco Ribeiras	N. S. do Pilar	1878	25
AH	Raminho	S. Francisco Xavier	1880	26
AH	Feteira	N. S. das Mercês	1906	27
PV	S. Brás	S. Brás	1951	28
AH	Posto Santo	Santo António	1980	29
PV	Porto Martins	Santa Margarida	2001	30

OBREIROS DE ALMA TERCEIRENSE

Quem trabalha por gosto
Na terra que dá que comer
Deixa no que faz exposto
O ser de ilhéu ao nascer.

Quem trabalha é feliz
Na nossa insularidade
Porque trouxe de raiz
Brava regionalidade.

O futuro sendo incerto
Mostrará valor presente
Nas imagens do Hildeberto
Que louva a nossa gente.

Bravo amigo que conheço
Desde outrora com simpatia
Por tudo muito agradeço
Deus te inspire dia-a-dia.

O FOLIÃO

Mês de junho folião
Pró cidadão e campónio
De S. Pedro e S. João
Mas primeiro Santo António.

S. João tem seu teatro
Na esquina da nobre rua
Feriado a vinte e quatro
Na cidade minha e tua.

Bem disse eu que primeiro
Santo António se festeja
O santo casamenteiro
Com as noivas sempre esteja.

No fim, o santo da chave
Que abre as portas da festa
S. Pedro, oxalá não lave
A folia que nos resta.

Com a chuva impertinente
Que teve aviso amarelo
Se vier daqui pra frente
Vai molhar o que é belo.

A S. Pedro e a S. João
Vou pedir com sentimento
Que deixem sorrir o Verão
Ao invés de chuva ou vento.

E lindos estão nos altares
Num templo à nossa beira
São os SANTOS POPULARES
Os foliões da Terceira.

Dia 13, 24 e 29
António, João, Pedro, os santos;
Tanta gente já se move
Ensaio de marcha e cantos.

O MAR DO QUEIMADO

O mar de rebanho alvo
Na marcha ao vento e ao som
Banhando o rochedo calvo
Do verde, que não é seu tom.

«Queimado» só tem a salvo
A rocha que é seu dom;
Dos seus pilares ressalvo
O negro, nem sempre bom.

Como é lindo o mar que canto!
Que me embalou a existência,
Serenou ou em turbulência...

Mar de versos, do meu espanto,
Comungando a Natureza
Do Queimado em realeza!

O MOTE JOANINO

Caneta ao baleeiro
Da montanha majestosa
Caderno onde o ponteiro
Aponta quadras da Rosa.

Caneta de marinheiro
Que do mar fez sua prosa,
Caderno que é o primeiro
A beber rima amistosa.

Quando um dia eu me for
Podes ver todo esse ninho
Com as notas de carinho...

Até lá deixa-o estar
Na minha mente a voar
Construindo o meu caminho.

PESCADOR AÇORIANO

Pescador que vais ao mar
E o incerto tu enfrentas,
Para o povo alimentar
Tens de passar por tormentas.

Pescador de altas vagas
Ao comando da traineira
Que na volta melhor afagas
O cais da nossa Terceira.

O peixe que trazes pra mesa
Tem o perfume do mar
Para nos dar a certeza
Que sofreste para o pescar.

Eu te louvo e reconheço
A força do oceano
Para sempre te agradeço
Ó pescador açoriano!

Mereces honras e glória
Em cada cais que te espera,
Tua arte piscatória
Até com Jesus se venera.

Peço, então, que nunca deixes
As redes sem oração:
Lembra o milagre dos peixes
E pede a Deus bom quinhão.

OLÉ AO “NOSSO” TOIRO!

O toiro não m'incomoda
Sempre se viu na ilha
No brasão, na estampilha
Que continua na moda.

O toiro é a rês brava
Que vagueia no cerrado
No mato encurralado
Noutro lado não se dava.

O toiro é para a gente
Como se fosse a raiz
Conheço desde petiz
Gosto dele mas sou temente.

O toiro dá que falar
A quem pensa que é mau
Andar na corda ou a pau
Ou na praça a tourear.

Ao toiro só vai quem quer
É livre a sua raça
No caminho ou na praça
Vai o homem, vê a mulher.

O toiro não é pessoa
Nem sequer é racional
E ninguém lhe fará mal
Seu corno é que magoa.

O toiro se segue a oito
Num arraial bem surtido
Onde se é correspondido
E a marrada causa efeito.

O toiro é bem tratado
Quer no mato ou na corrida
A tradição é mantida
Zelandando o bravo gado.

O toiro para a Terceira
É como se fosse um filho
Se morre é um sarilho,
Mexe com a ilha inteira.

Não me venham cá dizer
Que condenam as touradas
Na praça ou nas estradas
Venham cá para conhecer.

Não me venham com ditados
Ou ameaças escritas
Denegrindo as favoritas
Festas dos antepassados.

Do mato vinham a pé
Com toiros para o caminho
Tudo se fez com carinho
E o grito nasceu: OLÉ!

OLÉ AO “NOSSO” TOIRO! (CONTINUAÇÃO)

Aceito que quem não sabe
Da vida de um insulano
Compare com ser humano
O que nem sequer lhe cabe.

Se a Terceira está de pé
E foi Portugal sozinha...
Porquê?! Quem adivinha?
Foi o bravo e o grito: OLÉ!

«Um por todos, todos por um»
É a nossa cortesia
Se falta toiro na freguesia
Ter saudade é comum.

Quem defende tanto o toiro
Fique em casa e não veja;
Há povo, cor e bandeja
Que nesta ilha é oiro.

Por mim tanto se me dá
Seja preto, branco ou malhado
Desde que esteja amarrado
Gosto de o ver por cá.

Não falem mal das touradas
Do nosso belo torrão
A tantas elas dão pão
E por muitos são estimadas.

O toiro, a Banda e a Fé
São um misto de bravura
Um louvor, uma cultura
E o Povo não arreda pé.

Chego até a pensar
Que o Povo até chora
Se a tourada se demora
E o ciclo tarda em chegar.

PENTECOSTES NA ILHA TERCEIRA

Hoje anda "meio mundo"
Comungando a tradição
E o foguete é no fundo
Anúncio da devoção.

Na Igreja ou Santuário
Já se toca a Deus um hino
Ao Império vai o vigário
Dar a bênção do Divino.

Reunidos no terreiro
Recebem o bento pão
E o pelouro do Primeiro
Bodo vai selar esta união.

Padre, Filho, Espí' to Santo
Vinde em nossa companhia
E àquele que sofre tanto
Dai um pouco de alegria.

Pai-nosso que estás no céu
E no crente coração
Abençoa o povo ilhéu
E quem ama a Região.

Reúne à tua beira
Tantos dos entes queridos
Que partiram da Terceira
E jamais serão esquecidos.

Lembro o Ti' Manel da Lília,
Que tanto se alegrava
No Terreiro uma folia
Quando comigo dançava.

É o vinho um folião
Que anima toda a gente
Repartido em bom quinhão
Faz um Bodo mais contente.

QUANDO ELE QUER CONNOSCO ESTAR

Uma Coroa, com pomba no globo celestial, o cetro e a salva são os componentes essenciais, de prata, para simbolizar o triângulo da nossa fé: Pai, Filho e Espírito Santo que fazem a união plena que é DEUS. Quem crê, sem mais aquelas, sente-se coroado de bênçãos ao ponto de ter a força necessária para sobreviver às arrogâncias da vida terrena.

Ao lado, e não menos devota, está a simbólica imagem, que serve de exemplo da verdadeira imagem existente no altar do Santuário de Nossa Senhora dos Milagres, da freguesia da Serreta.

Ainda, mais ao lado, o Coração de Jesus e o Coração de Maria, em duas pequenas estatuetas que adquiri com gosto. Nos anos idos consta que não havia casa que não possuísse um exemplar desta dualidade religiosa: Mãe e Filho.

A luz representa, no modelo de água, azeite e a lamparina, a alegria da companhia de claridade.

Por fim, as flores, que mesmo sendo artificiais, completam o ornamento de um compartimento dedicado à visita domiciliária de intenções festivas cristãs.

Anualmente acontece esta permanência, por uma semana, sensivelmente, para que possamos refletir na nossa breve existência. Há quem tenha em sua residência uma Coroa benzida pelo sacerdote e creio que é uma proteção na vida. Quem crê tem uma força diferente e vive aceitando a vontade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Na alegria e na tristeza,
Na saúde e na dor
Só Deus dá com firmeza
O verdadeiro Amor.

Salve Espírito Santo,
Salve nobre Padroeira,
Amparai o nosso canto
E da humanidade inteira.

Se crente não questionas
A bondade do Senhor
E com gosto adicionas
À vida o grande valor.

Que a vossa luz ilumine
As horas de cada dia
E que maior fé domine
Os corações em agonia.

PEZINHO EM S. CARLOS

Ilha Terceira - Açores. Quinta-feira, 2013/09/26

À mesa da devoção
Da Santíssima Trindade
Há sopa, cozido e pão
Prós irmãos da caridade.

O Rodrigo que o diga,
Que conheço desde novo,
Merece minha cantiga
Junto o aplauso do povo.

Em S. Carlos os criadores
Secos ou de boa maquia
São os dignos recetores
Da partilha por um dia.

E prós restantes rapazes
Que partilham boa ação
Merecem lindos cabazes
De rimas com distinção.

Quinta-feira do Pezinho
Cantigas dos cantadores
Enchem casas de carinho
De alegria e de louvores.

Nobre povo terceirense
Dum jardim de quintas belas;
Numa festa sancarlense
Venha o sábado de morcelas.

E louvado seja então
Quem cumpre a sua promessa
O Pezinho de Luís Bretão
De novo à Festa regressa.

Toda a festa é fecunda
De festejos populares;
Venha a tarde de segunda
Prá tourada me lewares.

Louvo também a Comissão
De sete jovens ordeiros
Que lidam com a Devoção
Com o zelo verdadeiro.

No Altar desta semana
Fica ancorada uma ideia:
Rosa Silva ("Azoriana")
Sente a sua alma cheia.

POR S. JOÃO HÁ BOM QUINHÃO!

Hoje a rima não se atrasa
Para vos cumprimentar
Tenho o coração em brasa
Pela festa popular.

S. João salta a fogueira
Leva junto o seu cordeiro
Porque a brasa da Terceira
Toma o passo dianteiro.

Vamos todos para a rua
À esquina do seu trono
Porque hoje sei que a lua
Jamais pegará no sono.

Vão brincar a noite toda
Com os ares mais felizes
A sardinha fará boda
Festejando nossas raízes.

E pra quem não puder ir
Para a lilás brincadeira
Também poderá assistir
Pela TV a noite inteira.

Leva o manjerico ao peito
E teu amor pela mão
E roda a saia de um jeito
Que toque no coração.

Se tropeças das *cambrelas*
Pela rua engalanada
Não te vão fazer mazelas
Estás feliz nem sentes nada.

Por Angra do Heroísmo,
Pela nossa ilha festeira,
Com graça e com civismo
Vais erguer tua bandeira.

Bandeira de S. João,
Bandeira de amizade,
Trinta anos de missão
Por Angra, nossa cidade.

A verdadeira amizade
É rica de alegria
Digo com sinceridade
Estou feliz por este dia!

Não me canso de louvar
Todos os que cá festejam
Peço a S. João para dar
O melhor que nos desejam.

Terra linda majestosa,
Ornamentada de flores;
Hoje sinto-me orgulhosa
Por seres dos nossos Açores.

POR S. JOÃO HÁ BOM QUINHÃO! (CONTINUAÇÃO)

Açores terras de espanto,
Terras de cordialidade,
Terras do Espírito Santo,
Símbolo da comunidade

Saúdo os emigrantes
Presentes neste arraial
Hoje estão menos distantes
Do lindo berço natal.

Em cada olhar que vejo,
Em cada sorriso aberto,
Só sobressai o desejo
De vos ter sempre por perto.

Agora para findar
Esta onda repentista:
Viva o balão pelo ar,
Viva S. João Batista!

SERRA DO CUME

Ilha Terceira

Eu vou ter de ir ao cume da serra
Embrenhada por um apelo
Que emprenha em mim o desvelo
De visitar o que a palavra encerra.

E há palavras que o cume ferra
Na silhueta do monte novelo
Por minha alma hoje quero vê-lo
Verde retalho do cimo descerra.

Há um dilúvio de verde chão
Que a ilha cobre de mansidão
E as aves atraem cantarolando...

Fico no sonho da meninice
E hoje talvez se o monte ouvisse
Saberia o quanto o estou louvando.

QUE BELO!

Voa Espírito de Deus
Pousa em nosso coração
Protege os filhos teus
E protege nossa nação.

Fazei que minha oração
Seja alva como as flores
Que são divina atração
Nas Coroas dos Açores.

Que dos meus lábios consiga
Voar franca Avé-Maria
E com mais fé eu prossiga
Em cada hora, em cada dia.

Dai força à minha fraqueza
Dai alento ao meu viver
E à nação portuguesa
Dai o que deixou de ter.

RAINHA DO CARNAVAL

O cheirinho a Carnaval
Já se começa a sentir
Porque da ilha é afinal
Uma rima linda a florir.

Carnaval que traz à cena
Cantares e passos de dança
E a ilha toda lhes acena
Com aplausos à confiança.

Brilhos, cores e alegria,
Melodias de encantar,
Um palco de fantasia
Como flores a enfeitar.

Eu te amo ó Terceira
És uma rainha sem igual
Tens direito à bandeira
Com brasão do Carnaval.

S. CARLOS EM FESTA

Ceia dos criadores - 2013/09/26

Em louvor do Santo Espírito

Honor to the Holy Spirit

A sopa é uma tradição
Desta terra do Divino
Temperada em oração
Do mestre que reza o Hino.

The soup is a tradition
of this land of the Divine
Tempered in prayer
Of the Master who prays the Hymn.

Na ceia dos criadores
Há na mesa abundância
Cada um dá seus louvores
Sem nunca haver ganância.

At the creator's meal
there are plenty on the table
each one gives their praises
without ever be greediness.

Leva-se no coração
A graça dos sete dons,
Todo aquele que é cristão
Merece selo dos bons.

We take in our heart
Blessings of seven God gifts
everyone who is a Christian
Deserves the best seal.

O selo do Espírito Santo
Vem do céu com tal doçura,
Que desperta, em nós, o canto
De amor pela Cultura.

The Holy Spirit seal
comes from heaven with such sweetness
which awakens in us the singing
of our Culture love.

VAGAS DA MENTE

Há uma vela no cais
Balouçando com o vento...
Da minha mente não sais
Tu voltas vezes de mais
Balouças meu pensamento.

Há uma baía antiga
Abraçando quem a visita
Oxalá que eu consiga
Dizer mais do que se diga
E há quem diga que és bonita.

Meu sonho, doce baía,
És meu cais e o meu afeto...
Quem me dera que chegue o dia
De retomar tua via
E ter o céu como teto.

Beber o anil das cores
Que torvam a minha mente
Provar dos doces licores
Que se criam nos Açores
E aquecem a alma da gente.

Quero navegar em ti
No teu peito balouçar;
Nas ondas o que senti
Foram fruto do mar que vi
E sempre me fez sonhar.

As ondas do meu amor,
Produzem vagas de um jeito,
Como barco a vapor
Que à proa traz o Açor
Que vagueia no teu peito.

TERCEIRA MINHA QUERIDA!

Terceira minha querida
Amor do meu coração
Por lilás és conhecida
Terra da minha paixão.

Em ti muita gente pensa
Cada vez que reza o terço
Foi de Jesus à nascença
E de quem teve cá berço.

Minha terra abençoada
Com festivais de alegria
Desde nova coroada
Por sorrisos de simpatia.

Das nove a mais animada
Seja de noite ou de dia,
Numa visita guiada
Uma saudade nos cria.

Rainha de Portugal
Foste e sempre serás
Tens uma Sé catedral
Que o Rei Salvador nos traz.

Nove estrelas reluzentes
Tem assento na Bandeira
E na gente estão presentes
Cada uma à sua maneira.

Canta como canto agora
Em tom de felicidade
E canta que a tua aurora
Dos Açores tem claridade;

Canta a mãe que te adora,
Canta o campo e a cidade
E canta a ilha onde mora
O que te causa saudade.

TERCEIRA, MINHA TERRA!

Escrito na Praça Velha. Junho, 2014

Minha terra é uma prenda
Um convite a festejar
É valor, arte e lenda
De um povo a navegar.

Minha terra beija o mar
Seja de noite ou de dia
Salgado a murmurar
E doce na companhia.

Venha ver o sol crescer
Na bainha da aurora
Para quando adormecer
Deixar sua cor cá fora.

Venha ouvir nossas gaivotas
Sobrevoando as marés
De certeza que bem notas
Beleza de lés-a-lés.

UM OLHINHO DE SOL

O dia amanheceu simpático, colorindo de dourado a ilha e quem por ela circula rumo à labuta diária, seja estudantil ou para dar asas ao trabalho que lhe ocupa as horas alargadas.

O sol parece feliz como que a dar-nos a esperança de vida, a vontade de aguentar o resto da manhã e até chegar os confins da tarde. Oxalá que a lua nos seja também agradável.

“Um olhinho de sol” podia ser o título de algo criativo, alegre e prazeroso. O sol é, e sempre será, o bálsamo dos olhares e do ser, o mesmo que dizer, é a vida em melodia, é a cor que nos brilha entre espaços, ora tingidos de negrume, ora num clarão espartano.

Como será a cantiga com o verso metrificado composto de “Mais um olhinho de sol” veio animar minha alma, veio despertar meu lençol, onde adormeci com calma. “Mais um olhinho de sol” trouxe à ilha esperança, para acrescentar ao rol, um cenário de pujança. “Mais um olhinho de sol” e não precisa mais nada...

O resto é música e música da boa. Imagino-a criada por quem deu vida a “uma alma de pau”) E a mais não me atrevo...

VAMOS À TOIRADA?!

Por vezes quando há toirada
Vê-se que há povo atento
E quando se vê marrada
Há logo algum desalento.

Vão pais, tios e irmãos
Cada qual com seu feitio
Mesmo sendo bons cristãos
Só o "quinto" é que os viu.

Vem gente do estrangeiro
Com amigos quantos queira
Trazem abundante dinheiro
Para gozar na Terceira.

Lava-se a casa e a cozinha
Até o quintal se enfeita
Muita iguaria já tinha
P 'ró "quinto" na mesa feita...

E aquele que não concorda
Com reboliço algum
Corta logo a sua corda
E não há gosto nenhum.

Quem é vivo e mais novo
Prefere o arraial;
Sua atitude eu louvo:
Bravo capinha local.

Se a festa não entoa
A quem está louco ou doente
É mesmo dessa pessoa
Ficar logo descontente.

Porém nossas criaturas
Amantes duma toirada
Andam mesmo às escuras
E até alta madrugada.

Se há mulher de quero e mando
Cercada de mordomias
Dá gritos de vez em quando
Na toirada destes dias.

Se o toiro a alguns fizesse
Uma investida anormal
Talvez a gente tivesse
Menos crise em Portugal.

Fazia-se uma limpeza
Em quem não tem esperança
De nos dar uma certeza
Em termos boa mudança.

Mas ninguém quer arbitrar
Uma marrada abissal
Preferem ver vegetar
Quem anda em estado final.

Agora para não maçar
Com história torcida
Vou fazer por abraçar
As alegrias da vida.

Por muito que alguém diga
Sobre as crises de agora
Que o nosso "Olé" prossiga
Na boca que vem de fora.

VILA NOVA DA TERCEIRA

O aconchego da Vila Nova
Põe a ilha toda à prova.
Todo o ser que ali passa
Recolhe a sua melhor graça.

Escaleiras do mar, em trova,
De olhar algo se renova;
E o nosso peito entrelaça
A maresia que nos abraça.

Louvo o altar mais feliz
Que está no cimo da matriz
E o nosso povo ama tanto...

Vila Nova da Terceira
Da Trindade é verdadeira
Coroa do Espí'ito Santo!

Sentires

Uma quadra que cantei durante o I Festival da Cantoria dos Açores, que decorreu a 19 de outubro de 2013, na Praia da Vitória:

A cantiga vai no mar alto
A palavra vai por terra
A rima só dá um salto
Se do coração descerra.

Quando a pronunciei repentinamente e na continuação de idolatrar a cantiga e a palavra, não tinha a mensagem descodificada em pleno mas sabia o que me ia na alma, metaforicamente. Na ocasião que os versos saem velozes e a ritmo de viola e violão (ou vice-versa) não dá para se explicar o que nos salta à mente. Depois, e já nas lides normais diárias, é que fica a pairar o que se deixou no ar.

Ao longo dos tempos houve muitas cantigas de improviso que se descodificaram também nas mentes do próprio e dos ouvintes que, segundo me apercebo, captam o que de melhor ouvem e gravam na memória até que sejam finitos. E foi precisamente no sábado que, durante o jantar que reuniu um salão de gente que gosta do improviso ao desafio, tive a oportunidade de conhecer um senhor da Vila de S. Sebastião que tem uma memória sã e profunda de tudo quanto foi captando ao longo da sua vida, cuja cabeleira já se vestiu de branco.

Ele conseguia relatar quadras que ouviu, durante a sua vida, ao pormenor e com um gosto perceptível, dos antigos e dos novos cantadores ao desafio. Impressionante! Também de historiador tem muito que se lhe diga... Consegui captar a atenção dos que o rodeavam na mesa da refeição para a história da Batalha da Salga, que se não fosse o início da cantoria da noite, teria concluído o relato de uma forma clara e entusiasmante. Parece uma enciclopédia açoriana e vê-se que é uma pessoa de poucas letras mas instruída pelo curso da vida quotidiana e de muito que também já deve ter lido ao longo da mesma. Pena que não fixei o nome mas acho que não perdi a fisionomia e o reconhecerei em qualquer parte da ilha.

A tristeza, meus leitores,
Faz calo em muitos doentes
Que procuram os doutores
Para curas insistentes.

Volta e meia sinto dores
Estou tão mal dos meus dentes
Que as mesmas sejam flores
No altar dos santos crentes.

Toda e qualquer dor seja
Uma flor para cada igreja
Que celebra o Amor.

Cada lágrima que nos cai
Seja louvor ao nosso Pai
E o perdão p'ró pecador.

A VOZ DA IMAGINAÇÃO

Busco a felicidade
Na rima do coração
Encontrei-a de verdade
Ao colo da inspiração.

A vida nos é severa
Numa fase da idade...
Para ter a primavera
Busco a felicidade.

Tento tê-la e mantê-la
No regaço da paixão
Por isso até podem vê-la
Na rima do coração.

Quem sabe que assim é
Dá valor e validade
À rima da minha fé...
Encontrei-a de verdade.

Seja o fado de uma vida
A voz da imaginação
Por minha sorte mantida
Ao colo da inspiração.

2013/10/28

ALGUMAS CENAS DA ATUALIDADE

Ter nome nem é preciso
Para a fama ser medonha
Basta ter lata, pouco juízo
E mostrar não ter vergonha.

Hoje há disso em fartura
Perante a nossa visão;
Pode nem ter grã cultura,
Mas é o rei da estação.

Noutro tempo que bem sei
Estudar era o rigor
Hoje um rapaz faz sua lei
Com seu gosto amador.

Vemos hoje tanta tristeza
Na escrita e no paleio
Que a Língua Portuguesa
Já não reina no seu meio.

Faz-se tudo por um naco
De pão para cada mesa
Não interessa se é fraco
Importa é ter mais destreza.

Por mim fico embaçada
Com o que vai pela terra
Uns valem sem fazer nada
Outros vão ganhando a guerra.

Lamento com grande pesar
Por quem não mede o que faz
Portugal ainda vai acabar
Sem puder dar volta atrás.

A culpada é a crise
Que tanto se apregoa
Não há gelo que a frise
Nem se prevê coisa boa.

BONECA DE TRAPOS

Neste ano sou pequenina
Comi a sopa da panela
Bebi água cristalina...
Quero uma boneca bela.

De trapos e com um sorriso,
Que tenha a barriga cheia;
Mais fome não é preciso
Para não falhar a ideia.

Num embrulho todo em prata
Dentro talvez numa lata
Do leite de antigamente.

Juro que dela vou cuidar
E também vou estimar
O Natal do meu presente.

ANÁLISE PESSOAL (CONTINUAÇÃO)

Voltando à quadra. O que ela quer dizer, verso por verso é:

A cantiga vai no mar alto

As cantigas já atingem um patamar de maior nível e apenas tem valor maior as que se consagram ou são melhor apreciadas. Comparativamente só vai no mar alto todo aquele motor que se aguenta quer em bonança quer em tempestade.

A palavra vai por terra

A palavra é pronunciada por toda a gente que vive e labuta no dia-a-dia, onde quer que esteja. É em terra que se vive a maior parte do tempo, independentemente de ter ou não qualidade. Fala-se e pronto.

A rima só dá um salto

Este termo - salto - refere-se propriamente ao atingir um nível superior, isto é, de relativa qualidade. Nem toda a rima tem o tónico para atingir a qualidade se desfasada de contexto. Há uma evolução se a prática for continuada, isso não haja dúvida.

A rima só dá um salto, Se do coração descerra.

Juntando o terceiro verso com o quarto que não se podem dissociar, encontramos a definição exata do poder da rima que se for ditada pelo coração terá um valor precioso. É precisamente do coração que saem muitas das rimas das cantigas que ouvimos no mundo do improvisado e que perduram na mente dos populares que amam o que é nosso e genuinamente ilhéu.

Não sendo uma quadra com sentido objetivo direto e perceptível sem recurso ao exame verso a verso, é o meu tesourinho. É isto o que eu sinto depois de ter encetado nestas andanças que jamais me parecia vir a trilhar: A verdadeira rima só dá um salto se do coração descerra. É por isso que chego a emocionar-me com a minha própria escrita (ou atuação) em determinadas ocasiões.

Bem-haja quem me proporciona estas reflexões e, neste caso, foi o I Festival da Cantoria.

AS FOLHAS DO MEU OUTONO

Na mansa luz do meu sono
Sendo eu de cousa alguma
Vão caindo uma a uma
As folhas do meu outono.

Douradas folhas que abono
Do sol, chuva, vento e bruma,
Do mar celeste em espuma
Pela escarpa do seu trono.

Vão minhas folhas douradas
No oásis de um momento
Alando o meu pensamento...

Por ti são folhas amadas,
Voam da palma da mão
As que brotam do coração.

AS NUVENS

As nuvens ainda que de negrume
Numa paisagem tingida
Fazem chegar como lume
O pensamento e a vida.

Acirram a veia da escrita
Em toneladas de azul
Da pena que se acredita
Escreve de norte a sul.

E tu, aqui do meu lado,
Em pergaminhos anexo
Fazes crer num passado
Que, hoje, vejo sem nexo.

Em bebedouros de anil
Na catedral do solfejo
Hei de brincar com abril
Ao som do teu doce beijo.

Eu nasci no mês de abril
Alta era a madrugada
Se eu chegar ao ser senil
Terei feito pouco ou nada.

Nesse pouco que eu fiz
Com odores do sol-posto
Estou grata e mais feliz
Pelo que deixo com gosto.

DEZ ANOS CONTO DA TUA PARTIDA

Olhos fechados p'ra sempre foi... Closed eyes forever gone...
Há dez anos que eu conto Ten years ago that I mean
Mas esse fecho não me dói But this closure has no stone
Abriu os meus ponto por ponto. Opened my eyes and made them clean.

Olhos abertos sem dilema Eyes opened without quandary
Às novas cores da vida To new life colors
Na criação do poema To make a poem glossary
Com a verve tão sentida. With such knowledge and honors.

Um olhar também foi luz One look released so bright
Duma página criada For a dedicated page
Que porventura supus I guessed there's such a sight
Ficar sendo sua morada. To become his light stage.

A morada de um poema There's the poem's dwelling
Nascido para dar espanto Borned to give astonishment
Há de ter vida suprema There'll be more than feeling
Na voz que lhe der canto. Just one voice will give his polishment.

CANÇÃO DO SOL

Há uma dor que desminto
Por te saber tão ausente
Só Deus sabe o que sinto
Quando não estás presente.
Se voltares algum dia
No meu peito a navegar
Faz com que tenha alegria
No gosto de a ti voltar.

A saudade é um grito
Um bater quase aflito
Que o peito me trespassa;
Nos ares da melodia
No altar da fantasia
Colho sempre a tua graça...
O sonho é tão real
E sonho mais que o normal
No rochedo do regaço.
Só é bonito acordar
Trauteando o madrugalar
No calor do teu abraço.

Lindo sol escancarado
Na janela do meu peito;
Tem o verso decorado
Já o canta satisfeito.
Por mim logo se apaixona
No meu colo amanhecido
Ao meu lado sobre a lona
Faz o sonho ter sentido.

DEFINIÇÃO DE AZORIANA

Há um vazio por preencher
Que mesmo que preenchido
E mesmo depois de morrer
Nunca há de ter morrido.

Eis a definição que encontrei, hoje, da minha existência enquanto terceirense de rimas a roçar a lírica. Dizem as páginas dos significados que a lírica é maioritariamente feita de rimas onde o poeta fala diretamente ao leitor dos sentimentos e do estado de espírito, embora como em toda regra, existam exceções.

[Não vou a talho de faca
Nem quero vê-la em mim
Já passei por muita vaca
Que me fez rimar assim.]

Digamos que as musas da inspiração que pior me influenciaram foram as vacas (ditas racionais) porque as irracionais, muitas das vezes, conseguem ser melhores que as que andam por esse mundo, onde a perdição se atenua com a rima da conversão.

O lirismo é uma exaltação do ser que ser quer melhor e sossegado, no canto admirado. Não me perguntem se os meus escritos são redondilhas, odes, glosas, cantigas, sextilhas, sonetos, quadras, oitavas, quintetos, duetos, sei lá que mais... Apenas digo que são a inspiração instantânea do momento de Miravento (talvez um pseudónimo?!)

Há uma doce ventania
Que me planta uma emoção
Quer se faça em maresia
Ou em lava de vulcão.

DEFINIÇÃO DE AZORIANA (CONTINUAÇÃO)

Também não quero deixar nenhum testamento ou “cousa tanta” semeados nos circuitos tecnológicos ou nalgumas folhas de pergaminho no fundo de algum baú. Não tenho baús. Tenho simplesmente uma arrumação proporcionada por alguém que quer muito bem aos meus louvores rimados. Ainda bem que alguém surgiu no patamar da minha vida. Nem sei se “os de casa” se molestam com o possível enferrujamento das linhas escritas sujeitas aos bolores, humidades e cortes de eletricidade.

Toma bem conta de mim,
E das minhas criações
Não deixes que tenha fim
O álbum de recordações.

É assim que vou desaguando os sentimentos, que nem tinha dado conta deles num passado recente. Quem diria que a filha do mestre Carlos e da Matilde havia de ser um rosário de escritos à mercê da tempestade e da bonança, de uma festa ou de uma dança, de um desafio ou do gosto de ouvir ler o que foi criando... Por isso está mais que provado que cada autor tem uma rima de amor nem que seja pelo lirismo da existência.

Quando eu vesti de branco
No alvor da existência
Foi-me dado o solavanco
Do lírico, não da ciência.

Quando for dia cinzento
Na neblina que nos lavra
Que possa ser o momento
De amares minha palavra!

Angra do Heroísmo, 2013/10/04 (sexta-feira, dia que estou convidada para a cantoria na Serra da Ribeirinha, na Festa do Caçador, dos Lobos da Serra).

Em cada lobo que eu vejo
Há um nobre sentimento
Agora o que mais desejo
É afinar com seu evento.

LEMBRANÇA (CONTINUAÇÃO)

Lembro da vaca guiada por mim,
Para fazer o rego sempre a direito
E o meu pai atrás, sempre foi assim,
Cuidando para ter serviço bem feito.

Lembro da enxada na mão com calor
Para a sachadela que tinha de ser
E da desfolhada feita com rigor
Para galo e galinhas terem que comer.

Lembro do taleigo que ia ao quadril
Para o moinho movido a vento
Ou numa engrenagem que era subtil
Do milho a farinha para o sustento.

Lembro de ir à venda comprar a retalho
Sem carro a motor nem sequer carroça
De chegar a casa e ter mais trabalho
Nesse tempo as dores não faziam moça.

Lembro de usar a boa forquilha
Dar milho para a "burra" alta,
Sempre achei aquilo uma maravilha
Mas hoje não lhe sinto a falta.

E tanto que não conto agora
Sei que o passado fica para trás
Hoje ninguém quer lembrar de outrora
Quer tudo feito sem ver como se faz.

GAIVOTA

Talvez um ninho fizesse
No teu peito a vida inteira
Se uma gaivota viesse
No céu da ilha Terceira.

Talvez o céu folheasse
À procura do azul
E no teu peito pousasse
O desnorte do meu sul.

Se uma gaivota eu for
Serei irmã do açor
Milhafre da minha terra...

Tua pele será meu vale
E o meu grito não se cale
Pelo vale chegue à serra.

GALERIA DA ALMA

Gostava de me sentar na galeria da alma. Após um fim-de-semana de pouca atividade apresento-me ao rescaldo das coisas por fazer. Abri os olhos para o novo termo e assentei a forma de estar viva, mesmo que embaciada pela ausência das janelas do campo.

Ainda, sem correntes duradouras, faço os possíveis por tingir de letras os passeios de artigos ao desbarato do pensamento. Não me importo com as entrelinhas do maldizer e digladio-me com as que possa estender nos fios da comunicação à vista mundana. Talvez poucos e poucas as leiam mas dá-me um prazer enorme deixá-las esvoaçar de mim para as relíquias de um piscar de olho.

Nasceu gente e morreu outra, forçosamente. Eu nem sei se vivo ou se estou na vista do ilhéu de palco com o pano curvo. Não se pode prever o além. Apenas se podem adormecer as ideias na curva do tempo que vai surgindo.

Dormi bastante e ouvi o som das minhas palavras na corrente de outras tantas que se vestiram de delicadeza e ou timbre mordaz. Prefiro sempre a beleza do palavreado anunciado a uns quantos ouvintes. Não sei precisar quantidades mas que prevaleça a qualidade, animada de satisfação. A minha satisfação é diferente dos demais. Prefiro nem balbuciar o quanto me satisfaz abrir a alma ao dia seguinte, depois de receber a visita da simbólica divindade de prata. É bonito acordar para a vida após um sonho vadio.

Debruço-me, agora, no quadro da semana e vejo os números a clamar audiência. Quem sabe se ainda vou a tempo de os alinhar e enquadrar na fileira de um estado de apuramento anual.

2014/02/17

LEMBRANÇA

No repouso da tarde que finda
Dou por mim a pensar lembrando
No que já foi a minha vinda
A este mundo onde vou passando.

Nas casas de cal tão alvas
Estrado de madeira à janela
Entre cortinas que foram salvas
Para esconder o que se via delas.

Lembro do talhão de águas paradas
Da pia de pedra de bom lavadouro
E com avental, mangas arregaçadas
Lavando a roupa sem ficar em coiro.

Lembro da fornada de um pão caseiro
Da massa sovada e alcatra boa
De acender o lume para ter braseiro
Pra secar milho e roupa que o mofo apregoa.

Lembro da retrete com tampo em madeira
Lembro da canada cheia de buracos
E de correria naquela ladeira
Tantas vezes com joelho em cacos.

Lembro do Calçado, nosso cão fiel
Que seguia o dono até ao cerrado
E muitas vezes ficou sem farnel
Para guardar algo por lá deixado.

ONDAS DE RIMA INSPIRADA

O que estarei perdendo dos dias de março? Hoje estou recolhida pensamento... O aniversário de quem me teve no ventre. Não vou insistir pensamento para não soprar a lágrima sujeita a cair. Não há bolc cornucópias de massa folhada, o que ela jamais recusava... O que eu não por uma cornucópia de massa folhada por alminha dela?! Quem não tem mãe ao lado sabe o que se sofre de ausência. Uma coisa é certa e acredite quiser, a minha mãe "volta" nas ondas da rima inspirada.

Faz exatamente quatro anos que nosso livro entrou por minha casa dentro ser lançado em abril de 2011. Passado esse tempo ainda lembro como se agora... Ao primeiro livro que pousou na minha mão dei um beijo, com beijasse. Em vida poucos beijos demos, uma à outra, mas cada verso com ela é de beijos que antes não demos. Há sempre um tempo de amor é.

Ondas da rima inspirada
Valsam nova madrugada
Com doçura de mil beijos
Gotejando os seus solfejos.

Rendo-me à verve e à arte
E apregoo por qualquer parte
As ondas do bem-querer
Que a rima me quis tecer.

É no leito da minha alma
Que embalo a minha palma
P'la mãe que cedo partiu.

Há mãe que parte e não tem
Quem cante o que fez de bem...
Só no céu a minha o viu.

MEU TEMPO

Hoje não me cantam os versos
Que se abraçam ao coração
Sinto que eles estão submersos
Nas fontes da inspiração.

Hoje há uma luta interior
Que a palavra resguarda
Louvado seja o Senhor
E o meu Anjo da Guarda.

É que para dizer asneiras
Mais vale estar calada
E sair das estribeiras
Adianta pouco ou nada.

Hoje não voam as pequenas
Linhas de um bem escrever
Como lindas açucenas
Que no campo vi crescer.

Hoje sou a flor da saudade
Do meu pai e da minha mãe
Quando a minha mocidade
Era só feita de bem.

Não se deixe o passado
Ausentar-se do presente
P'ra acertar passo errado
No tempo que resta à gente.

O PODER DA MENTE

(The mind power)

Que o Sol venha dourar
As paredes do meu ser
Para nele ver nodular
O que não posso escrever.

Se escrever o que vejo
Nas entranhas da parede
Vai sussurrar o desejo
De o divulgar na rede.

Na rede de tanto escriba
Que em nuvens amanhece
E lhes diz: Arriba! Arriba!

A nuvem nem se contorce
E o meu dia escurece...
Só o Sol jamais se force.

O VALOR DA VIDA...

Há males que causam dor,
E a dor mal se suporta;
Também só se dá valor
Quando fecha a última porta.

A vida é para ser gozada
Com bem ou com sofrimento
Mas se se dá má passada
Pode armar-se um pé-de-vento.

Há quem diga que a morte,
Para alguns é prematura,
Para outros até traz sorte
Nascem elogios em fartura.

O valor de uma vida
Em vida faz pouca vista
Quando chega a partida
A vida valor conquista.

PERANTE A DOR E O SOFRIMENTO

Não sei o que dizer, é verdade,
Perante a dor e o sofrimento
O silêncio é tudo o que me invade
Apenas uma palavra no momento.

Aguenta a força da amizade
Suporta com a fé o teu tormento
Olha o rosto da santidade
Aguenta firme com teu talento.

A vida é feita de sacrifício
Sempre na mira o nosso ofício
Que cada dia temos de abraçar.

Porque a vida outra Vida tem
No dia e hora que a todos vem
E ninguém sabe quando irá chegar.

PARENTES PARA A REFLEXÃO

Baú de recordações

Não sou dada a guardar tudo o que o tempo foi deixando de material. Não tenho arcas de madeira com recantos floreados pela habilidade de artesãos experientes, não tenho baús de antepassados onde se guardavam as roupas de cama (mantas, colchas, cobrejões, lençóis bordados, toalhas de linho, roupa íntima e outra de sair às festas e procissões, nem aqueles bordados sob iluminação artificial, sem eletricidade ainda, nem almofadas feitas com a mesma afinação arrendada, nem, tão pouco, tenho o sótão de casa com qualquer divisória de arrumação predileta. Tudo o que possuo se resume a um punhado de recordações (na mente que já guarda pouco) dispersas pelas paredes e nalgumas divisões da casa, ora nalguma gaveta ou prateleira de material de “desenrasca-te se puderes” e sujeitas a tombar com a ameaça saltitante de um gato esperto e/ou outro atrevidote.

Valor sentimental

Não penso que o conteúdo do parágrafo anterior tenha menos valor sentimental que o de tantas pessoas que tiveram e têm “berço de ouro” e “cama qual moldura perfeita” que nem apetece desmanchar para dormir mas simplesmente ficar a admirar a preciosidade.

No fundo, gosto muito das minhas pacatas coisinhas porque em cada uma está o retrato de uma vida, uma dor, uma lágrima, um sorriso, um coração, um esforço laboral, um retalho, sobretudo, uma oração íntima de cada vez que as olho ou toco, como que vendo o meu mundo in [finito] ...

Arca da maternidade

De repente, dou por mim numa pausa a pensar: Tenho três filhos (e uma enteada). Queira Deus que sempre os veja, lhes fale, os ouça, até ao finito dos meus dias. Não há arca, nem baú melhor que a arca da maternidade. Ser mãe foi a minha primeira vontade após unir os laços de um matrimónio finito. Não guardei as suas vestes de infância, nem os cadernos das sucessivas passagens de ano, nem aquelas lembranças em dias comemorativos... Guardei na alma e no coração a alegria de ser mãe dos meus «ricos» filhos que, agradeço a Deus, até hoje não me deram motivos para outras arrumações (leia-se preocupações).

PENSAMENTO(S) DO DIA

I

Há coisas que não fiz e devia ter feito,
Há coisas que fiz e que me arrependo,
Há outras que fiz por mero respeito,
Há outras ainda que em nada emendo.

Quem perde uma mãe como eu perdi,
Com a morte que é o fim universal,
Só entende a falta que sente em si
Quanto maior for o apego maternal.

Uma mãe não pode ter substituição.
Quando vai, fica a sua educação,
Que vale pelo que outrora recebeu.

Por muito que se queira reeducar
Um filho que não tem a mãe no seu lar
Custa mais que educar um filho seu.

PENSAMENTO(S) DO DIA (CONTINUAÇÃO)

II

Não posso abrir a porta às ideias minhas
Que as sinto vir como voo de andorinhas,
Num céu de cinzas e cores de oscilação
Entre o murmúrio risonho de uma estação.

Há tanto sol por abrir entre as estrelinhas,
Que fico aquém do que dizem as entrelinhas
Duma folha escrita e que, da palma da mão,
Voa, em direto, por vias de qualquer razão.

E eis-me, assim, envolta nos cantos meus,
Perdida em ideias de "louvado seja Deus"
Que sabe como fazer para provar o Amor.

Deus é o antídoto do desalento e da dor,
Que não me deixa ver mais do que já vejo,
Somente ter nas ideias um bom desejo.

2014/03/11

RECORDAR É LEMBRAR DO QUE É SEU...

Sempre que me lembro de meu pai, e hoje em especial, vem-me à ideia o cheiro a mar, o peixe que fazia a delícia do seu paladar e as espinhas saíam da refeição todas limpinhas e nem uma migalha de peixe se perdia no prato dele. Meu pai! Carlos Cândido nasceu a 2 de dezembro de 1929. Hoje, se fosse vivo e estivesse entre nós, comemoraria os seus oitenta e quatro anos. Foi-se com apenas 71, em fevereiro de 2001. Tanta coisa ficou por dizer-lhe e outras tantas por fazer. Enfim, que nós, as descendentes e seus netos continuemos a lembrar das datas mais queridas e esta, do aniversário, sempre foi muito querida e lembrada com os festejos que se podiam.

Esteja onde estiver há de haver sempre quem se lembre deste dia e do homem de trabalho que ele era...

QUERO PINTAR...

O bom dia de amarelo
O amor de encarnado
E de verde mais singelo
Cada erva do meu prado.

A tarde de bom laranja,
A noite algo cinzenta,
De branco alguma franja
Que no cabelo rebenta.

O mundo de tom castanho
A terra de azul-marinho
O mar no que desenho
É sempre com mais carinho.

A lua terá só brilho
O sol uma claridade
Uma estrela em cada filho
Da minha sensibilidade.

Dou o retoque final
Ao quadro de uma vida
Com lilás para mim igual
À minha ilha querida.

Penduro junto à cama
A pintura que eu sonhei
Para ver como quem ama
O sonho que desenhei.

Rendida à tela de calma
De cores frias e quentes
No fundo vejo uma palma
De cores que não disse antes.

A palma vejo como um lírio
Na moldura de uma graça,
Que não me causa martírio
No desenho que me abraça.

RECORDAÇÕES QUEM AS NÃO TEM!?

Lembro o tempo de menina
São tempos que já lá vão
Quando eu era cristalina
Pura e simples de coração.

Os "titios", primos segundos,
P'la minha parte materna,
Quatro irmãos não fecundos,
Com uma bondade terna.

Um casou na dura idade
Sem filhos, só com sobrinhos,
Tive por ele muita amizade
Dele recebi carinhos.

Duas irmãs e outro irmão,
Por "Chico", a gente chamava,
Tímido de bom coração
Que tudo por nós ele dava.

A Maria era a mais bondosa
A Alexandrina a que findou
Uma geração silenciosa
Daquilo que se passou.

Órfãos de mãe muito cedo,
Aos cuidados do seu pai,
Mas nunca tiveram medo
Da sorte que a todos sai.

Trabalharam e ensinaram
Muita coisa que eu fixei
E com eles também levaram
Tudo aquilo que amei.

Lindas ameixas roxas,
Tinham numa ameixeira,
Framboesas pareciam trouxas
Num silvado à sua beira.

Fatias de pão caseiro
Com bom doce de amora
Bela casa com braseiro
Que a mente não ignora.

Um curral para as galinhas,
Com seu galo pra Matança;
Sempre um copo prás vaquinhas
Que na mesma hora avança.

Não havia outra fervura
la em direto para a boca
Tal leite era uma doçura
Que sabia sempre a pouca.

Passei tempos ao seu lado
Tardes longas de afeto
Até o pano remendado
Apreendi sob o seu teto.

Agulha e linha d'algodão
Alva naquele pano branco
Era a melhor lição
Que nem precisava de banco.

Na cama onde dormiam
As duas irmãs amigas
Que tanto me conheciam
Por mim tiveram fadigas.

RECORDAÇÕES QUEM AS NÃO TEM!?! (CONTINUAÇÃO)

Quando a noite tombava
As horas de maior brilho
Ao colo, coberta, voltava
Sempre pelo mesmo trilho.

A primeira a falecer
Plantou-me uma agonia
Mais eu não pude fazer
Pela bondosa Maria.

Dimas Lopes a visitou
Mas não houve cura então
Do Hospital só voltou
Para a frieza do chão.

Mais tarde foram os manos,
Já tinha eu outra morada,
Eram bons seres humanos
Que no céu deram entrada.

Alexandrina, mãe de Crisma,
Que me fazia chorar
Por no fim ter uma cisma
Do passado ressuscitar.

Foi-se sem me despedir
Nem lhe dar mesmo amor
Lembro dela a sorrir
E a dar-me tanto valor.

As "sobrinhas" para ela
Eram o seu património;
Tantas vezes à janela
A rezar a Santo António.

Talvez pedindo pra lhe dar
De volta as suas meninas
Que andavam a brincar
Rindo, rindo, cristalinas.

A saudade hoje perdura
Dos passeios feitos a pé
De ir buscar folhas e verdura
Pra Jesus, Maria e S. José.

O seu beijo era doce
Como doce é a lembrança
Quem dera que não se fosse
O tempo que não se alcança.

Digo com sinceridade
Que vivi a melhor parte
Do tempo de mocidade
Sem saber se tinha arte.

Hoje sei que eu a tinha
Bordada de letras de ouro
E que hoje ela vinha
Construir este tesouro.

A hora é especial
O minuto nos dá rigor
2013 No final
Pra louvar este AMOR.

Louvo a outra geração
Que me ensinou a trilhar
Toda a grande admiração
Que hoje estou a partilhar.

Amem muito os ascendentes
Mesmo os que já partiram
Raízes sempre diferentes
Que em suma nos construíram.

Se contares estas rimas
E te derem número par
Vais saber quem mais estimas
Quando saíres do teu lugar.

SOPRO DE VIDA

Quem me dera poder ter
Tudo aquilo que não tenho;
Em vez disso gosto de ser
O que faço no que desenho.

Porque em tudo que se diz
Falha sempre algo escrito;
Quem defende a raiz
Não se lê no que foi dito.

Nas palavras vejo ondas
Em marés de sentimentos,
No prazer de algumas rondas.

Na escrita vejo as cores
Que alegam tantos momentos
De vivência nos Açores.

RECUPERAR

...Vir a ser

Sou como os corvos que partem
A galope na escuridão;
Sou dos rios que o mar tem
Na meta de união.

Sou como fogo que arde
Sem sopro por companhia;
Sou como água da tarde
No copo da nostalgia.

Sou do mundo que me criou
Nos braços de uma cratera
Em trilhos de primavera...

Distante hoje do que eu sou,
Mantém-se aberta a vontade
Do título com o que há de...

RETROSPETIVANDO

Sentada no mural duma palavra
Enquanto a nostalgia dilacera
Eis que a rima se me lavra
Sem que a deixe ficar à espera.

E a frase surge, se deslavra,
Como casta flor de primavera,
Na folha que aceita a palavra
Do cerne sem estrofe severa.

Rasgam-se os papéis amarfanhados
Para dar lugar a novas molduras
Sem conter rostos nem doudas figuras.

No timbre da palavra os costumados
Louvores à bravura de uns ilhéus
Lembrando dos seus dourados troféus.

SÁBADO DIFERENTE

Freguesia das Doze Ribeiras, 2014/05/10

Fui em diferente destino
Evento extraordinário
Vi o Império do Divino
E o Divino no Sacrário.

Vi coroar Nossa Senhora,
Ouvi cantar com beleza,
Quem a Santa Isabel ora
Vê rosas, tenho a certeza.

Doze Ribeiras, vizinha,
Da Serreta onde nasci
E onde tanto aprendi.

Tenho na ideia minha
Alegrias de outra idade
Com perfume de saudade.

UMA FACETA

Meu amor teve uma faceta
Que foi minha capital
Ter nascido na Serreta
Foi um lírio especial.

Foi lá que me ri primeiro,
Foi lá que também chorei,
Entre o denso nevoeiro
Foi lá que ressuscitei.

Por isso a bela rosa
No bico de alva ave
No meu peito já repousa
Me fechará sem ter chave.

Adoro as nossas flores
Nas coroas ou nos ramos
São como versos de amores
Que, enfim, por cá deixamos.

SONHO MATERNAL

No leito da madrugada
De um domingo do Senhor
Acordo... Estou inspirada
A louvá-lo com fervor.

Noite feliz... 'Tou acordada
P'lo sonho madrugador;
Mais uma folha virada
Mais uma linha de Amor.

Amor pelo que Deus dá
Sem ser preciso pedir
Como uma rosa a florir...

Amor ao amor que há
Ao melhor bem que se tem:
Que é o dom de ser Mãe!

TERRA DE BRAVOS (NO OLHAR)

O olhar que de mim vedes
Da profunda nostalgia
Ou da imensa alegria
É brasão das minhas redes.

Esse olhar de parapeito
Janela de intimidade
Tão dotada de saudade
Do que de bom lhe foi feito.

Janela da imensidão
Do que dou à população
Dos dias de belos cravos...

Hoje vinco esse olhar
P'ra dizer a quem passar:
Sou d'ilha, Terra de Bravos!

TERRA E MAR (MÃE E PAI)

No seio do mar imenso
Há dos peixes a aventura;
Na terra há faia, incenso,
E o ventrículo da ternura.

Mar e terra num intenso
Mosto de sal e doçura...
Um véu de espuma suspenso
No rochedo em altura.

E o amor que de mim arde
No ventrículo da tarde
Com olhares para o poente...

Foi gerado pela mãe terra
No berço que uniu a serra
Ao mar que deu a semente.

In the bosom of the immense sea
there are most fish adventure
on earth there are beech, incense
by the tenderness ventricle.

Ocean and earth in an intense
Mash salt and sweetness...
A veil of foam suspended
on the rock at height.

And the love which burns me
in the late ventricle
with looks to the sunset...

It was generated by Mother Earth
By the crib which united the mountain
to the sea which gave the seed.

VOCAÇÃO

Todos temos a vocação
Que nem sempre é cumprida;
Se juntarmos a educação
Faz-se atalho rumo à vida.

Nem sempre há afinação
Nos contornos em que é tecida
A vontade de dar a mão
A quem sofre, sem medida.

Por isso quero afirmar
Perante o verbo amar
Que vocação tem talento...

Talento que se partilha
Na pacata redondilha
Que se quer um sentimento.

VERSO QUE EM MIM VIVE

Sei bem o que o povo gosta
Mas eu não posso dizer
Nem que fizesse uma aposta
Em nada se vai mexer.

Por isso deixa assim
“Não te importes rapariga”
Fica p’lo que diz que sim
Venha verso prá cantiga.

Nasci longe do mar alto
Numa rua sem asfalto
No coração da Serreta
Que é uma serra pequena
Onde a tarde é amena
Se a nuvem não é preta.

Nasci longe da cidade
Só quando cresci na idade
Foi-me dado conhecê-la
Sentada numa Carreira
Que serviu bem a Terceira
E ainda hoje é estrela.

Tanta viagem eu fiz
Naquele tempo tão feliz
Só me doía a estrada
Entre piso estreitinho
Devagar, devagarinho,
Chegava à hora marcada.

No asfalto então pisei
Pedras talhadas eu sei
Por homens quase esquecidos
Os louvo hoje neste verso
P’ra que todo o universo
Os faça reconhecidos.

Cada peça de calçada
Por mão ágil trabalhada
Permanece nos passeios
São Património as ruas
Que são minhas e são tuas
Abrilhamtam nossos meios.

Vejam só onde fui dar
Pela calçada a rimar
Juro que não tinha ideia
Só isto me acalmou
Depois do que ressoou
Dum aplauso de plateia.

VERSO QUE EM MIM VIVE (CONTINUAÇÃO)

Nosso povo quer é rir
Festa, bodo e divertir
Contornar a onda triste:
Mas, por Deus, peço atenção
Não se pense que a Região
Só de riso subsiste.

Tem fé que move montanhas,
Tem arte, ondas tamanhas
No cais que não tem idade;
Tem amor e tem virtude
O regaço da juventude
Que une o campo à cidade.

Viva, viva a minha terra
E viva quem nos quer bem
No brasão que se descerra
E em cada peito aterra
Como o amor de filho e mãe;
Do verso que em mim vive
Há amor de Terra e Mar
Pelo povo sobrevive
Mesmo que tenha declive
A alguém possa agradar.

VIVER A VIDA

Eu já não fico contente
Com a mudança de ano
Ao crescer o ano à gente
Mais se avista o negro pano.

Tenho pena de assim ser
Mas este é nosso destino
Ir por anos a crescer
Até se dar o repentino.

Já sinto a nostalgia
Do fim que se aproxima
Da fuga para terra fria.

Onde vou ninguém me diz
Mas enquanto soprar a rima
Hei de assim viver feliz.